

Jornal de Letras

Opiniões

Depoimentos

Novos Lançamentos

Entrevista

Literatura Infantil

Número:

272

Mês: Outubro

Ano: 2021

Preço: R\$ 5,00



ACESSE:

www.jornaldeletras.com.br

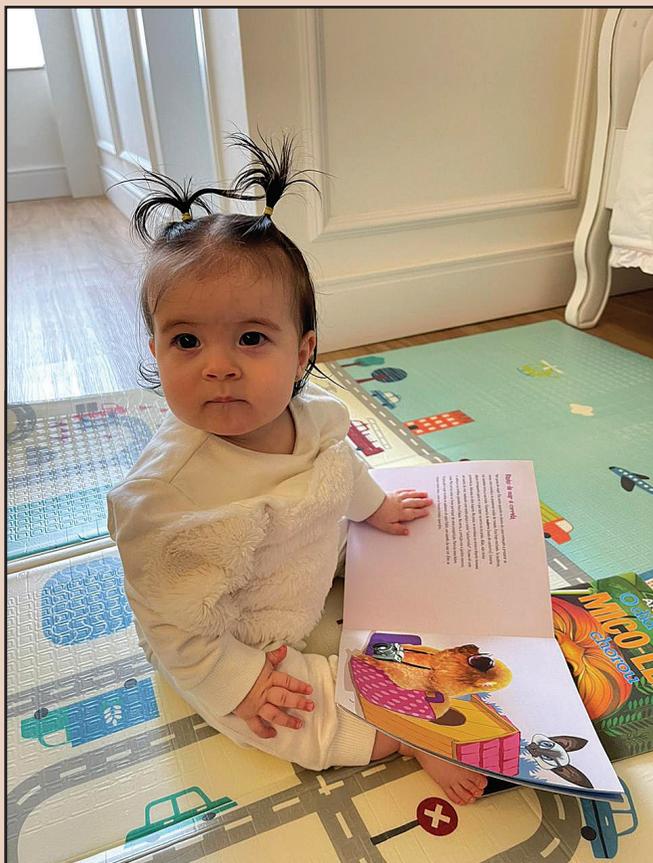
A atualidade de Shakespeare

Os textos de Willian Shakespeare são atuais. A genialidade de Shakespeare pode ser atribuída, entre outras qualidades, à sua imensa capacidade de saltar do individual para o coletivo – e vice-versa. A abordagem de seus textos permite acompanhar as paixões humanas e as demências coletivas da história, oferecendo-nos o encontro entre política e vida, cujo pano de fundo é a presença constante da tragédia. Uma obra que une arte e política, homem e poder, caos e controle, vida e morte, colocando à disposição da humanidade um espaço de aprendizagem sempre aberto. O resultado é um legado inesgotável de leituras possíveis. (Por Manoela Ferrari – págs. 10 e 11)

J Editorial

William Shakespeare, autor de 38 obras da literatura inglesa, foi um dos principais escritores do seu tempo, no que chamamos de idioma do Bardo!! Suas obras, como *Hamlet*, *Othelo* e *Rei Lear*, resistiram ao tempo. Publicou também seus famosos Sonetos, de grande profundidade psicológica. Dentre as últimas obras, figura *A Tempestade*, exibida no Parque Lage, que tivemos o privilégio de assistir. Tinha uma característica sombria, sem jamais perder a habilidade de surpreender o público. Shakespeare morreu aos 52 anos de idade, no mesmo dia do seu aniversário, fenômeno, aliás, que ocorreu também com Cervantes. Em vida, muita gente duvidou que ele tivesse mesmo existido, tamanha a sua genialidade. Não há dúvida de que ele enriqueceu (e muito) o idioma inglês, mas pode ser que tenha sido também um pseudônimo. Será verdade?!

O Editor.



No mês das crianças, homenageamos o público infantil com a foto da pequena leitora Laura Faria, que tem em mãos o livro *A Doçura da Mel*, do acadêmico Arnaldo Niskier. Nascida em Natal, ela é filha de Larissa e Ricardo Sergio Faria, primo do ministro das Comunicações, Fábio Faria.

J Expediente

Diretor responsável: Arnaldo Niskier

Editora-adjunta: Beth Almeida

Colaboradora: Manoela Ferrari

Secretária executiva: Andréia N. Ghelman

Redação: R. Visconde de Pirajá Nº 142, sala 1206 – Tel.: (21) 2523.2064 – Ipanema – Rio de Janeiro – CEP: 22.410-002 – e-mail: institutoantares.info@gmail.com

Distribuidores: Distribuidora Dirigida - RJ (21) 2232.5048

Correspondentes: António Valdemar (Lisboa).

Programação Visual: CLS Programação Visual Ltda.

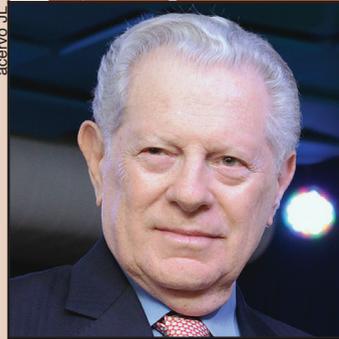
Fotolitos e impressão: Folha Dirigida – Rua do Riachuelo, Nº 114

Versão digital: www.jornaldeletras.com.br

O JORNAL DE LETRAS É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DO
INSTITUTO ANTARES DE CULTURA / EDIÇÕES CONSULTOR.

J Opinião

Arnaldo Niskier



O filósofo da esperança

Tarcísio Padilha, filósofo e professor vitimado pela Covid-19, aos 93 anos de idade, foi indiscutivelmente um homem culto. Demonstrou isso no convívio desde 1997 na Academia Brasileira de Letras (ABL). Tive o privilégio de recebê-lo na Casa de

Machado de Assis.

A lembrança do pensador francês Louis Lavelle marcou o nosso primeiro encontro. Estávamos no ano de 1955 e ele defendia, no auditório do Instituto La-Fayette, a cátedra de História da Filosofia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da então Universidade do Distrito Federal, hoje Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Foi um concurso memorável, em que o jovem candidato, então com 27 anos de idade, ganhou a cátedra de forma brilhante. Tirou dez em todas as provas.

Tarcísio Padilha ficou marcado pela Filosofia de Louis Lavelle e, numa dinâmica inversa, marcou o meu espírito de estudante. A vida permitiu que nossos caminhos se cruzassem. Fui seu aluno duas vezes na UERJ e ainda na Escola Superior de Guerra. Ele era destacado membro do seu corpo permanente, com aulas maravilhosas da Filosofia da Educação.

Tive o privilégio de recebê-lo na ABL e depois contei com a sua colaboração, como secretário-geral, quando presidi a Academia. Ganhou o apelido de “filósofo da esperança”, pois escreveu muito a respeito desse tema. Um dos seus sete livros publicados foi *Filosofia da Esperança*, o que levou a *Encyclopedia Philosophique universelle*, de Paris, a incluir o seu nome entre os 5 mil filósofos mais importantes de todos os tempos.

Homem equilibrado, considerava que toda ideologia enseja um fechamento do homem sobre si mesmo. Sua filosofia da esperança unia teoria e práxis. Procurava enriquecer a participação existencial dos seres humanos no mundo, preservando a dignidade da pessoa humana, e salvar o homem moderno da sua angústia, buscando um vetor da democratização.

Segundo Padilha, o modismo é uma espécie de busca do palco momentaneamente iluminado por um pensador, cuja vida útil em geral não ultrapassa um lustro. Foi com muita competência que ele tratou da Ecologia do Conhecimento. Suas palavras como escritor, educador e filósofo foram muito aplaudidas. Elas sobreviverão para sempre.

“A preocupação com a administração da vida parece distanciar o ser humano da reflexão moral.”

Zygmunt Bauman

“As convicções são inimigas mais perigosas da verdade do que as mentiras.”

Friedrich Nietzsche

Ordem do Mérito ABMES 2021

Por Manoela Ferrari

A Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES) agraciou três novos Oficiais com a Ordem do Mérito ABMES da Educação Superior. A cerimônia de outorga, realizada por videoconferência, teve transmissão ao vivo pelo Youtube, encerrando a programação de comemoração dos 39 anos da entidade.

O diretor presidente Celso Niskier, Grão-mestre da Ordem do Mérito ABMES, destacou a contribuição dos agraciados, agradecendo pelos relevantes serviços ao setor: “Ser agraciado como um Oficial desta Ordem é, acima de tudo, receber o reconhecimento da sua qualificada capacidade e notória dedicação para a realização de tais feitos, que beneficiaram amplamente este tão importante segmento da sociedade.”

Instituída com o objetivo de reconhecer a contribuição de personalidades para o desenvolvimento da educação e da sociedade, a Ordem do Mérito ABMES da Educação Superior ganhou três novos ilustres membros: os professores Arnaldo Niskier e Maria Helena Guimarães Castro, e o senador Izalci Lucas. Todos se destacam nas suas respectivas áreas de atuação com empenho e bravura, tendo suas vidas pautadas pelo zelo e pelo amor à área.

Comenda emérita definitiva, instituída em março de 2018, a medalha do “Mérito ABMES da Educação Superior” é inspirada nas cores e emblemas presentes no Brasão da Instituição, trazendo símbolos de nobreza, inteligência, compromisso e bons serviços prestados. Ostentá-la é “levar consigo uma mensagem de um trabalho vindouro, cheio de frutos e comprometimento”.

Arnaldo Niskier é membro da Academia Brasileira de Letras desde 1984, tendo sido presidente em dois mandatos. Professor aposentado de História e Filosofia da Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Doutor em Educação pela UERJ, Professor Emérito da Universidade Cândido Mendes, Doutor Honoris Causa da Unicarioca, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), e da Universidade da Amazônia (UNAMA), foi membro do Conselho Federal de Educação, do Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro e do

Conselho Nacional de Educação, Secretário de Estado do Rio de Janeiro por quatro vezes. Sócio-correspondente da Academia das Ciências de Lisboa, é autor de mais de 100 livros, especialmente sobre educação. Presidente do CIEE/RJ e do Instituto Antares de Cultura, é colaborador com artigos publicados em vários jornais do país.

Izalci Lucas é senador da República e líder do Partido Social Democracia Brasileira (PSDB) no Senado Federal. Presidente da Comissão Senado do Futuro. Contador, auditor e professor. Foi deputado Federal por três legislaturas, deputado Distrital e secretário de Ciência e Tecnologia do Distrito Federal por dois mandatos. É membro das Comissões de Educação; Ciência e Tecnologia; Assuntos Econômicos e Assuntos Sociais. Preside a Frente Parlamentar Mista de Ciência e Tecnologia, Pesquisa e Inovação e a Frente Parlamentar do Congresso Nacional dos Investimentos Estrangeiros para o Brasil. É vice-presidente da Frente Parlamentar Mista da Educação. Antes de entrar na vida pública, foi líder sindical, época em que criou o cheque-educação, que beneficiou mais de 100 mil estudantes do DF e que, anos depois, inspirou o Programa Universidade para Todos (ProUni). Na Câmara, relatou a Emenda Constitucional nº 85, da Inovação, e presidiu a Comissão que aprovou o Marco Regulatório de Ciência, Tecnologia e Inovação.

Maria Helena Guimarães de Castro é presidente do Conselho Nacional de Educação (CNE) e da Associação Brasileira de Avaliação Educacional (Abave). É membro da Academia Brasileira de Educação e da Academia Paulista de Educação. Socióloga e mestre em Ciência Política, foi secretária estadual de Educação de São Paulo, e presidiu o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), de 1995 a 2002, sendo responsável pela reformulação do sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), pela implantação do Exame nacional do Ensino Médio (Enem) e do Provão, organização do Sistema de Estatísticas Educacionais e implantação do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa) no Brasil. Foi secretária executiva do Ministério da Educação e presidente do Comitê Gestor da Base nacional Comum Curricular (BNCC).



IZALCI LUCAS

O senador da República Izalci Lucas foi agraciado com o grau de Oficial da Ordem do Mérito ABMES (2021).



MARIA HELENA GUIMARÃES DE CASTRO

A professora Maria Helena Guimarães de Castro, presidente do CNE, foi condecorada com a Ordem do Mérito ABMES (2021).



O presidente da ABMES, Grão-mestre Celso Niskier, conduziu a cerimônia on-line de outorga da Medalha do Mérito ABMES da Educação Superior, realizada no dia 31 de agosto de 2021, por videoconferência, com transmissão ao vivo pelo Youtube.



O professor Arnaldo Niskier, diretor responsável pelo JL, foi uma das personalidades agraciadas com a Ordem do Mérito ABMES de Educação Superior, este ano.

● MEMBRO TITULAR do PEN Clube do Brasil, Carmem Moreno lançou *Sobre o Amor e Outras Traições* (Editora Patuá), seu sétimo livro de poesias.

● O ESCRITOR Jorge Alberto Costa e Silva recebeu o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade de Lisboa. É o sexto brasileiro a receber a honraria. O primeiro foi o ex-presidente da Academia Nacional de Medicina e da Academia Brasileira de Letras, Dr. Afrânio Peixoto, em 1924.

● O *DEUS DAS AVENCAS* (Companhia das Letras), novo romance de Daniel Galera, aborda o tema do apocalipse, flertando com a ficção científica.

● O *SENHOR DAS MOSCAS*, do vencedor do Prêmio Nobel William Golding, publicado originalmente em 1954, foi traduzido por Sergio Flaksman para a Editora Alfabeta.

● Com ilustrações do próprio autor, *Serei Sempre o teu Abrigo* (Biblioteca Azul), de Valter Hugo Mãe, traz o relato de um neto sobre tudo o que há de amoroso e sábio na relação com os avós.

● EM *O Corpo Crítico* (Companhia das Letras), o ensaísta Jean-Claude Bernadet, professor aposentado da ECA-SP e um dos maiores críticos de cinema do país, reúne nove textos que tratam a doença como objeto de reflexão.

● MISTURANDO experiência em primeira pessoa, cultura pop e um diálogo com a teoria, Leslie Kern lançou um olhar sobre as desigualdades urbanas em *Cidade Feminista*, traduzido por Thereza Roque da Motta para a Editora Oficina Raquel.

● NOVO LIVRO do premiado Itamar Vieira Junior, *Doramar ou a Odisseia* (Ed. Todavia) reúne histórias que reverberam o protagonismo de todas as mulheres do mundo.

● A JORNALISTA Bianca Santana condensou no livro *Continuo Preta: A Vida de Sueli Carneiro* (Companhia das Letras) 160 horas de entrevistas, realizadas entre 2018 e 2019, retratando a trajetória de vida de uma das mais destacadas ativistas do movimento feminino negro brasileiro.

● DEZ ANOS após o seu lançamento, a Editora Bazar do Tempo traz uma nova edição de *Elvis e Madona – Uma novela lilás*, de Luiz Bajoni, adaptada aos novos tempos.

● FINALISTA DO Bookers Prize, o romance *10 Minutos e 38 Segundos neste Mundo Estranho* (Ed. Harper Collins), de Elif Shafak, revive as memórias de uma prostituta nos instantes antes da morte.

● EM *A Rosa Mais Vermelha Desabrocha* (Companhia das Letras), a sueca Liv Strömquist criou quadrinhos para repensar a descrença no amor.

● *FLUXO E REFLUXO*, de Pierre Verger, referência para estudos sobre o tráfico de escravizados no Atlântico, ganhou nova edição da Editora Companhia das Letras, com 976 páginas e tradução de Tasso Gadzanis.

● EM *O Tempo das Cores* (Ed. Jandaíra), Débora Thomé aborda a diversidade a partir da história de duas guerreiras que vivem num mundo dividido por cores, onde ninguém se mistura.

● ACABOU DE SAIR NO Brasil *Homo Poeticus* (Ed. Ayiné), com ensaios e entrevistas sobre literatura, política e, em especial, o conflito entre elas, do iugoslavo Danilo Kis, elogiado por Philip Roth.

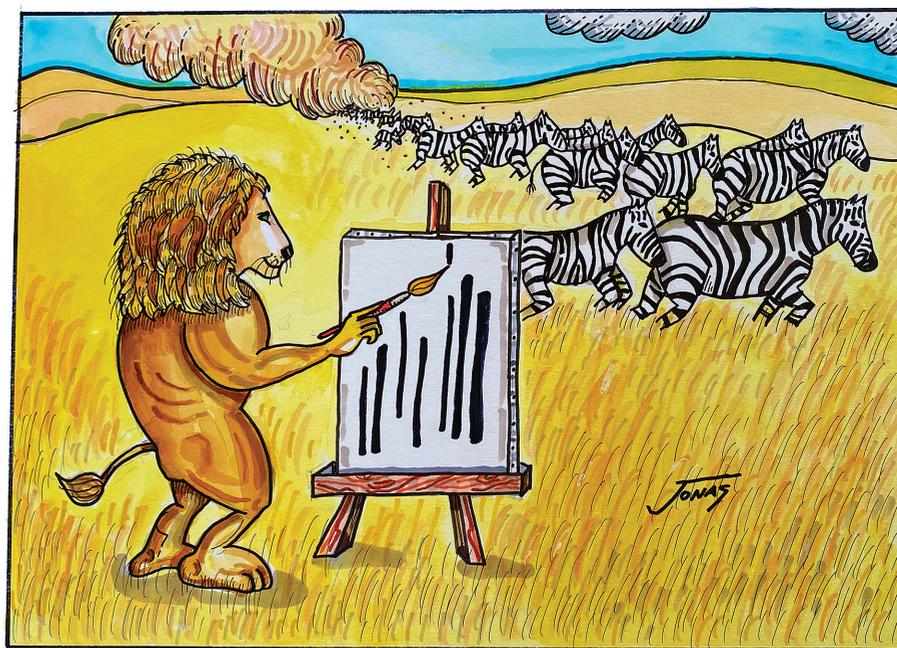
● DEDICADA A livros infantjuvenis, a editora ÔZé completa dez anos e comemora com o lançamento de *Alcateia*, livro da professora Fabíola Reis, que reinventou histórias clássicas dos contos de fadas, de *Os Três Porquinhos* a *Chapeuzinho Vermelho*, a partir da figura do lobo.

● EM *Havê-la Enquanto se Vive* (Ibis Libris), a poeta Thereza Christina Rocque da Motta reúne textos que trazem em comum citações históricas ou míticas relacionadas à Antiguidade grega.

● O PSICANALISTA Mario Eduardo Costa Pereira observa o sono e o sonho além da função meramente biológica de repouso físico no livro *A Erótica do Sono* (Ed. Aller).

● A BIOGRAFIA da lenda dos quadrinhos da Marvel, criador de heróis como o Homem Aranha, é contada por Danny Fingerth em *A Espetacular Vida de Stan*

LEÃO MINIMALISTA CAPTURANDO A VERTICALIDADE DAS ZEBRAS



Lee, traduzida por Flora Pinheiro para a Editora Agir.

● CHEGOU ÀS livrarias a obra *Shakespeare e os Beatles: o caminho do gênio* (Nova Fronteira), onde José Roberto de Castro Neves traça paralelos entre as trajetórias e obras geniais dos artistas ingleses separados por três séculos.

● O NOVO VOLUME da premiada tradução de Mustafa Jarouche para as histórias de Sherazade reúne os contos do ramo egípcio, ainda inéditos em português, em *Livro das Mil e Uma Noites – Volume 5* (Biblioteca Azul).

● NAS MÃOS do premiado diretor Rodrigo Portella, o texto do autor croata Ivor Martinic ganhou mais de 628 combinações possíveis nas 35 telas dispostas numa espécie de labirinto, na peça interativa *Meu Filho Anda um Pouco Mais Lento*, em cartaz no Oi Futuro Flamengo, no Rio de Janeiro.

● SAIU NO BRASIL, pela Companhia das Letras, *Encaixotando Minha Biblioteca*, obra do argentino Alberto Manguel, traduzida por Jorio Dauster.

● ESCRITO PELO jornalista Lucas Ferraz, *Injustiçados* (Companhia das Letras) retrata a história de quatro militantes considerados, injustamente, traidores dos

movimentos armados de combate à Ditadura no país.

● DADOS INÉDITOS do Instituto Mobilidade e Desenvolvimento Social apontam que, na região Sul do país, somente 7,3% dos negros alcançam o ensino superior. É o percentual mais baixo quando se analisam as outras regiões do Brasil, onde a média nacional, igualmente baixa, é de 10,6%.

● ORGANIZADO POR Roxane Gay (uma das escritoras mais importantes do feminismo americano da atualidade), *Precisamos Falar de Abuso*, coletânea com 296 páginas, foi traduzida por Fal Azevedo para a Editora Globo.

● EM *Por que Você Voltava Todo Verão* (Editora Elefante), a argentina Belén López Peiró faz um relato direto e cru, com frases breves, de um caso real de abuso sexual.

● NO ROMANCE *A Extinção das Abelhas* (Companhia das Letras), a gaúcha Natalia Borges Polesso usa a colmeia como símbolo da coletividade e questionamento social.

● O jornalista e advogado Miguel Matos mapeou referências legais no clássico *D. Casmurro* e lançou *Código Machado de Assis* (Ed. Migalhas), onde aponta termos jurídicos que garantem a traição de Capitu.

Na ponta da Língua

Por Arnaldo Niskier – Ilustrações de Zé Roberto

A crase e seus erros mais comuns

1. “Ricardo veio ao Rio à serviço.”

Não se usa crase antes de palavra masculina (serviço).

Frase correta: “Ricardo veio ao Rio a serviço.”

2. “Acabamos chegando à uma boa conclusão.”

Não se usa crase antes de artigo indefinido (uma).

Frase correta: “Acabamos chegando a uma boa conclusão.”

3. “A mensagem é endereçada à Vossa Majestade.”

Não se usa crase antes de pronome de tratamento.

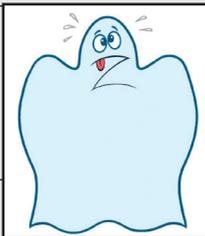
Frase correta: “A mensagem é endereçada a Vossa Alteza.”

Existindo

“Ele só precisa existir para me completar.”

Acho que ela nunca existirá. **Existir** se escreve com **x**, embora tenha som de **z**, ao ser pronunciado.

Frase correta: “Ele só precisa **existir** para me completar.”



Reunião urgente

“Ao invés de elaborarmos um relatório, discutimos o assunto em reunião, disse o gerente da empresa.”

Não vai dar certo, desse modo! **Em vez de** é usado como substituição. **Ao invés de** é usado como oposição.

Ex: Subimos, **ao invés de** descer; Bebemos **em vez de** comer.

Período correto: “**Em vez de** elaborarmos um relatório, discutimos o assunto em reunião, disse o gerente da empresa.”

Cargo ocupado

“Ele visava o cargo de diretor da sucursal de Rondônia.”

Não vai conseguir, escrevendo dessa forma. O verbo **visar**, no sentido de almejar, pede a preposição **a**. Obs: Quando anteceder um verbo, dispensa-se a preposição **a**. Ex: “Elas visavam viajar para o Marrocos.”

Período correto: “Ele **visava ao** cargo de diretor da sucursal de Rondônia.”

Filme ruim

“Ele assistiu o filme ‘Scarface’ e ficou muito assustado”.

Não é para menos, além de violento, escorregou na língua portuguesa. O verbo **assistir**, no sentido de ver, exige a preposição **a**. Ex.: “Ela assistiu **ao** concerto”; “Ele assistiu **a** peça de teatro”.

Período correto: “Ele **assistiu ao** filme ‘Scarface’ e ficou muito assustado.”

Mal entendido

“Ele alegou que tudo não passou de um mau entendido.”

Será que dava para entender algo, escrevendo assim? Neste caso, há uma dica que é praticamente para nunca mais errar! Na hora da dúvida, basta colocá-la em prática: palavra **mal** é oposto de **bem**, enquanto a palavra **mau** é o oposto de **bom**. Basta fazer a substituição para perceber se o uso é correto ou não. Vale lembrar, ainda, que quando estiver acompanhado de artigo ou pronome, **mal** será um substantivo. Ex.: “Sofro desse **mal** desde criança.” Entretanto, quando modificar um verbo ou adjetivo, **mal** será um advérbio. Ex.: “Ela chegou em casa e **mal** olhou para a televisão.”

Na direção contrária, a palavra **mau** sempre é usada como um adjetivo. Ex.: “Os **maus** exemplos não devem ser seguidos.” Período correto:

“Ele alegou que tudo não passou de um **mal-entendido**.”

Lazo apertado

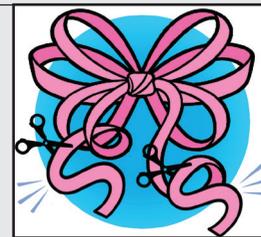
“A menina reclamou que o laço estava muito apertado.”

Tadinha! Esse é um caso clássico de **palavras homônimas** – são aquelas palavras que possuem exatamente a mesma pronúncia, mas que têm significados e escritas diferentes.

Ex.: **cerrar** (fechar) – **serrar** (cortar)

cheque (ordem de pagamento) – **xequê** (jogada de xadrez)

Período correto: “A menina reclamou que o **laço** estava muito apertado.”



Amor é bicho instruído

“Olha: o amor pulou o muro

o amor subiu na árvore

em tempo de se estrepou.

Pronto, o amor se estrepou.

Daqui estou vendo o sangue

que escorre do corpo andrógino.

Essa ferida, meu bem,

às vezes não sara nunca

às vezes sara amanhã.”

Carlos Drummond de Andrade

Um vitorioso projeto social

Por Terezinha Saraiva*

Eu vi o projeto social “Apostando no Futuro”, da Fundação Cesgranrio, nascer e, nesses 16 anos, nunca deixei de acompanhá-lo. É com emoção que escrevo o artigo de hoje.

Já escrevi, ao longo dos anos de sua existência, sobre a história desse Projeto, que beneficia diretamente cerca de 450 famílias e, indiretamente, os dois mil moradores das quatro comunidades onde é desenvolvido: Paula Ramos, Vila Santa Alexandrina, Parque André Rebouças e Escadaria.

Não vou repetir aquilo que já escrevi, embora a história do “Apostando no Futuro” seja muito bonita e inspiradora para outros projetos sociais.

São muitas as pessoas que por ele e nele trabalham. Há, entretanto, dois nomes que devem ser citados. O primeiro é o do presidente da Fundação Cesgranrio, professor Carlos Alberto Serpa, por ter decidido, em 2003, que a Cesgranrio, embora ajudasse financeiramente algumas ONGs para realizarem projetos sociais, deveria ter seu próprio projeto e que, durante os quase 16 anos de sua existência, o apoiou permanentemente. O segundo nome é o de Cláudio Saraiva, que, por sua grande experiência nas áreas de planejamento e social, foi convidado pelo professor Serpa para conceber o projeto social da Cesgranrio e implantá-lo nas quatro comunidades.

Essas duas pessoas estão e estarão, para sempre, fazendo parte da história do projeto “Apostando no Futuro”. Por que voltei ao tema? Porque há uma parte dessa história que é recente, e que ainda não havia relatado. Essa parte tem, para mim, um valor muito grande, porque ocorreu durante a pandemia que se abateu sobre o mundo, trazendo com ela, além da tragédia que envolveu a humanidade desde março de 2020, o isolamento, o medo, a tristeza, a paralisação de inúmeras atividades, e foi e tem sido responsável por consequências que se abateram sobre instituições e a população.

Dentre essas consequências, considero uma delas de relevada importância: a paralisação das atividades educacionais.

As escolas no Brasil e em outros países foram obrigadas a fechar suas portas por mais de um ano e meio. Nesse período, o Brasil deu início ao ensino remoto, a fim

de impedir que nossas crianças, adolescentes, jovens e adultos ficassem privados das atividades escolares.

A intenção foi boa, mas o resultado nem tanto, uma vez que muitos estudantes não tinham os meios para acompanharem as aulas virtuais e, também, porque o ensino remoto não substitui o ensino presencial, principalmente na educação infantil e no ensino fundamental.

É onde entra o Projeto “Apostando no Futuro”. Tal qual as escolas públicas e privadas, o “Apostando no Futuro” suspendeu as atividades presenciais no dia 14 de março de 2020. Entretanto, se organizou e, no dia 28 de março, deu início às atividades on-line.

O espaço de um artigo impede-me de citar, uma a uma, as atividades remotas oferecidas aos beneficiários do Projeto pelos profissionais que nele trabalham: videoaulas organizadas pelos professores de educação física, inclusão digital, oficina de artes plásticas, judô, oficina do pensar, zumba, danças urbanas, reforço escolar, percussão etc.

Além das videoaulas, o Projeto ensinou como fazer máscaras; orientou sobre medidas a serem tomadas para evitar a disseminação do COVID-19; informou sobre a Campanha da Vacinação; deu informações sobre o ENEM.

Quando a pandemia começou a declinar, a coordenação geral do Projeto, atividade que é da responsabilidade da Coordenadoria de Projetos Sociais, da Fundação Cesgranrio, elaborou uma proposta para o reinício das atividades presenciais. Ficou decidido que, para estimular a mobilização da clientela do Projeto, o reinício seria com o Bazar de Doações, evento que se repete há seis anos. O bazar funcionou do dia 5 até 8 de agosto. No penúltimo dia do Bazar de Doação, o Projeto recebeu o Dr. Marcelo Lengruher, para uma reunião com todos os profissionais do projeto para falar sobre a pandemia, o contágio do COVID-19, os protocolos de segurança e higienização dos ambientes.

No dia 12 de agosto, de segunda à sexta-feira, o “Apostando no Futuro” voltou a oferecer, presencialmente, todas as atividades. Mais uma vez, o Projeto “Apostando no Futuro” mostrou que é uma iniciativa com características marcantes, desde sua concepção. Mesmo no momento trágico da pandemia, consegui se organizar para ficar parado apenas 14 dias.

Termino agradecendo ao presidente da Cesgranrio por seu permanente apoio ao Projeto, e agradecendo a dedicação e compromisso dos profissionais que, em 14 dias, se prepararam para oferecer remotamente todas as atividades.

Enfim, elogiar o “Apostando no Futuro” por ter se mantido ativo durante a tragédia que se abateu sobre a humanidade.

*Terezinha Saraiva é educadora.

**ROSA MARIA ARAÚJO**

A nova fase do arquivo do Rio

Arnaldo Niskier: Rosa Maria Araújo é professora, historiadora, formada com doutorado em História, na Johns Hopkins University, e tem o título de mestre em História pela Universidade de Paris X-Nanterre. Formou-se licenciada em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro-PUC e é diretora do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Como vai o Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, que você preside com muita competência?

Rosa Maria Araújo: Posso dizer que o Arquivo Geral do Rio de Janeiro está numa nova fase. Estamos com uma equipe competentíssima, todos jovens (só tem eu de coroa) e eles são de um entusiasmo revitalizante. O Arquivo saiu da seara da Secretaria de Cultura e foi para a Casa Civil, que agora se chama Secretaria de Governo e Integridade Pública, comandada pelo secretário Marcelo Calero. Ele está apostando que realmente o Arquivo vai fazer uma revolução tecnológica, de transparência e de abertura, trazendo o público para cá, os estudantes e todos os interessados da cidade. Funciona na Cidade Nova, pertinho da sede da Prefeitura, na Rua Amoroso Lima, nº 15, ao lado do prédio dos Correios Centrais da Presidente Vargas. É um prédio muito bonito de 5 andares, foi construído para ser arquivo, o que é raro no Brasil. Foi inaugurado em 1976, na gestão do Marcos Tamoyo, substituindo o antigo Arquivo Geral da Cidade, que ficava em São Cristóvão, que era do século XVII e não tinha mais como comportar documentos. Era quase um depósito. Então, esse prédio foi feito nos moldes, nos padrões modernos do século XX, vendo os arquivos da Espanha, os arquivos franceses e funciona muito bem. Temos refrigeração 24 horas, temos todas as condições de segurança sempre atualizadas, um bom espaço para os pesquisadores, para quem vem consultar as pérolas desse arquivo.

Arnaldo Niskier: E tem muito material raro dos quais os pesquisadores gostam muito?

Rosa Maria Araújo: Tem bastante material raro, inclusive tem um cofre onde você tem livro do século XVI, documentos do século XVII sobre a cidade, primeira sede da Corte, depois Distrito Federal. Há uma belíssima biblioteca sobre o Rio de Janeiro, documentos manuscritos e impressos e documentos que os arquivistas chamam de especiais, que são as fotografias, os filmes, as gravações em fita de áudio, coisas maravilhosas. Estão muito bem conservados. Minha antecessora era uma pessoa brilhante, historiadora também, e todos os outros que dirigiram o Arquivo da Cidade eram desses que acreditavam no Rio de Janeiro. Nos últimos anos, ele foi muito maltratado, a mudança da capital para Brasília deu ao Rio um novo papel e, nesse novo papel, ele está buscando um significado de cidade moderna, de cidade cosmopolita como ele é, mas com dignidade, com bons serviços, numa situação econômico-financeira melhor e, principalmente, com uma melhor situação social. Para isso, é preciso que os documentos da administração pública estejam todos bem conservados, o que vai ficar para sempre, o que o cidadão quer consultar, quer ver, quer conhecer. Criamos dois departamentos,

um de promoção cultural e outro de gestão de documentos, porque o Arquivo tem obrigação de fazer a gestão pelo que fica para sempre, o que fica durante 50 anos de toda administração municipal. No entanto, isso estava muito parado, porque não tinha vista, a cidade não tinha dinheiro e a administração anterior não era uma administração que acreditava no Rio de Janeiro como essa prefeitura atual.

Arnaldo Niskier: Eduardo Paes é um carioca legítimo e é muito competente. Sou fã dele como gestor.

Rosa Maria Araújo: É verdade, ele é realmente uma pessoa que ama a cidade. Ele diz que não é trabalhar, é amar o Rio e passa isso para todos nós, para toda sua equipe. Então, temos, nesse departamento de gestão documental, três arquivistas e o chefe é um arquivista jovem, 30 anos, que é doutor em gestão em documentos municipais. Já imaginou o que é isso? Sabe tudo, como é que esses documentos devem ser gerenciados e estamos botando a casa em ordem.

Arnaldo Niskier: Não faltam recursos financeiros?

Rosa Maria Araújo: Falta mais recurso de pessoal. Não chegamos a 30 funcionários, dentre os que são e os que não são da Prefeitura, e precisávamos ser 100. Precisamos mais de recurso de pessoal até do que financeiro, porque o Arquivo não gasta muito, mas precisa também um pouco de recursos financeiros. Agora, por exemplo, para modernizar todo o lado de tecnologia da informação, internet. Temos andares que a internet não pega, temos Wi-fi, mas vamos ter todo apoio do secretário de Governo Marcelo Calero, do secretário do IPLAN, que é o que cuida de tecnologia da cidade, então acho que vamos chegar lá. Sobre a promoção cultural, abrimos esse departamento para poder divulgar a memória do Rio, o que você faz tão bem com seus trabalhos de educação, na sua posição na Academia Brasileira de Letras. Então, abrimos os Depoimentos Cariocas uma vez por mês, muito influenciado pelo que fiz no Museu da Imagem e do Som (Depoimentos para a Posteridade). Fazemos o depoimento sobre o Rio de Janeiro com um carioca que tenha produzido textos, filmes, livros, colunas de jornal, reportagens sobre o Rio de Janeiro. Está sendo um sucesso, começou com Zuenir Ventura, o segundo foi Roberto DaMatta e, semana que vem, é Nei Lopes, e por aí vamos.

Arnaldo Niskier: A sua experiência internacional passou por muitos lugares, inclusive Paris, John Hopkins, nos Estados Unidos. O que isso trouxe para o Rio de Janeiro? O que ela representou?

Rosa Maria Araújo: Acho que foi muito rica. Não devemos ficar fechados no nosso casulo. O Rio está dentro do Brasil e o Brasil dentro do Rio. Apreendi muito, morando em Paris, morando em Washington e depois viajando, conhecendo os arquivos das bibliotecas. Trabalhei na Biblioteca Histórica da cidade de Paris, que é o Arquivo Municipal de Paris. Isso me ajuda muito aqui no Arquivo da Cidade. Pude ter noção da importância do Rio de Janeiro como metrópole. O Rio é uma cidade cosmopolita, uma

cidade que foi capital durante mais de 200 anos, e me especializei em história urbana, principalmente na América Latina. Então, foi muito bom ver como as outras cidades funcionavam e qual era sua história.

Arnaldo Niskier: Quando escreveu Sassaricando – E o Rio inventou a marchinha, o famoso musical que fez muito sucesso no Rio de Janeiro, você se inspirou na realidade do Rio de Janeiro?

Rosa Maria Araújo: Quis fazer história, mas fazer história com novos instrumentos, porque história, na concepção moderna, é feita por uma conjugação de fatores, quer dizer, uma conjugação de testemunhos, de documentos e as marchinhas de Carnaval são documentos que contam a história do Rio. Elas são crônicas musicadas que mostram, entre 1920/1970, como era a situação dos serviços urbanos, do transporte, da luz. Agora, com a crise hídrica e a elétrica, “de dia, falta água e, de noite, falta luz”. Isso tudo as marchinhas mostraram. Revelaram também como era a vida doméstica, o homem e a mulher no casamento, a família, a menina levada que tinha muitos namorados, o machismo, os preconceitos contra os quais estamos lutando até hoje. Então, as marchinhas davam um retrato do Rio de Janeiro, da evolução do Rio de Janeiro. Sugeri ao meu parceiro, o jornalista Sérgio Cabral, que fez tantas biografias importantes... Perguntei se ele não queria fazer comigo uma pesquisa sobre as marchinhas de Carnaval e ele topou na hora. Até pensava em fazer um documentário para a televisão ou uma série para os jovens conhecerem as marchinhas. O Sérgio disse: “Não, vamos fazer um musical, porque não há nada como a música ao vivo.” Escolhemos um elenco de primeira, uma bela orquestra, um ótimo maestro e botamos o “Sassaricando” no palco, dirigido pelo Cláudio Botelho, excelente diretor de musical, com a direção musical de Luís Filipe de Lima. Foram 10 anos de sucesso. Percorremos o Brasil, todas as capitais.

Arnaldo Niskier: Assisti mais de uma vez, tamanho o gosto pela atração, não resisti. Gostaria de que você falasse também sobre sua experiência no Museu da Imagem e do Som, um museu que, infelizmente, começou a obra lá em Copacabana, parou, e não sabemos quando vai continuar. Você tem alguma boa notícia sobre isso?

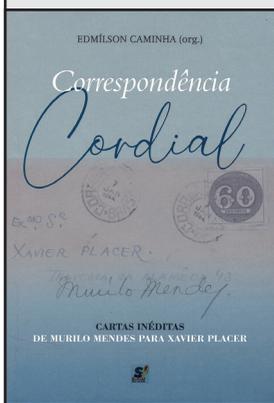
Rosa Maria Araújo: Tenho esperanças. Tenho sempre esperança de que a obra seja retomada, porque o Museu da Imagem e do Som foi um dos meus trabalhos mais queridos e mais importantes. Fui presidente do MIS durante 12 anos, cuidei de todo acervo, digitalizei tudo. Tem uma coleção preciosa, tem as partituras de Pixinguinha, os maestros da Rádio Nacional, tem coleções também muito boas. Fizemos, junto com a Fundação Roberto Marinho, um projeto de uma nova sede em Copacabana e é esse projeto, que ganhou um concurso de arquitetura, de arquitetos americanos, que está parado e que é uma pena. Não é só por falta de dinheiro, porque tem um financiamento do BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento, só faltam 75 milhões, faltavam, agora está tudo destruído, vai ter que cuidar mais da construção. Mas o importante é o que está lá dentro, o projeto está pronto, contamos ali a história da cultura do Rio, a memória da cidade, o Carnaval, a música, o choro, o samba, as artes plásticas, é um museu que vai ser um sucesso monumental. Essa obra tem que ser retomada. Espero que o governo do Estado cuide disso agora antes que aquele prédio acabe. E a nossa vergonha? O que a gente diz para os arquitetos que ganharam o concurso? Eles nunca tinham vindo à América do Sul, eles não acreditam. Eles choram vendo nosso prédio deteriorado. É muito importante, tenho esperança de que vamos retomar aquela obra e vamos inaugurar a nova sede do Museu da Imagem e do Som.

Arnaldo Niskier: Tudo isso que você falou certamente calará fundo no espírito dos nossos telespectadores espalhados pelo Brasil todo.

J Livros e Autores

por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com



CORRESPONDÊNCIA CORDIAL

Na surpreendente *Correspondência Cordial – Cartas Inéditas de Murilo Mendes para Xavier Placer* (Sarau das Letras, RN, 2021), Edmilson Caminha homenageia o famoso remetente – no ano e que se comemora o 120º aniversário de nascimento do poeta – e seu admirável destinatário, o ilustre bibliotecário Xavier Placer (falecido aos 92 anos, em 2008).

O conjunto de correspondências apresentado é pequeno, mas de valor inestimável. Inéditos, somam nove cartas, três cartões, dois telegramas e um bilhete, além de uma procuração e um prospecto. Todos enviados em vida pelo famoso poeta mineiro Murilo Mendes ao amigo Xavier Placer, que doou o material para o organizador da obra, Edmilson Caminha, durante uma visita deste à casa do destinatário, em Niterói,

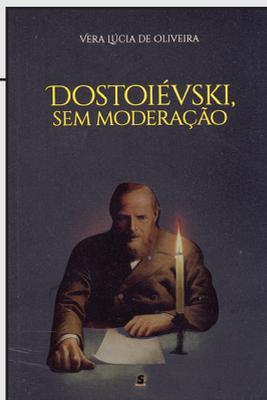
Rio de Janeiro, no ano de 2002. Os documentos foram doados ao Museu de Arte Murilo Mendes, em Juiz de Fora (MG), mas só este ano foram publicados em caprichada edição da Sarau das Letras, com projeto gráfico e ilustrações de Augusto Paiva. Professor, jornalista e escritor, Edmilson Caminha nasceu em Fortaleza, Ceará. É membro do PEN Clube do Brasil, da Academia Brasiliense de Letras, da Academia de Letras do Brasil e do Observatório da Língua Portuguesa (em Lisboa). Entre as obras publicadas, estão *Inventário de crônicas* (1997), *Pedro Nava: em busca do tempo vivido* (2003) e *A solidão no Programa do Jô* (2019).

DOSTOIÉVSKI, SEM MODERAÇÃO

Em *Dostoiévski, sem Moderação* (Sarau das Letras, RN, 2021), Vera Lúcia de Oliveira se debruça sobre o gigante da literatura mundial. Com lucidez, engenhosidade e profunda sensibilidade analítica, a ensaísta envereda pelos caminhos literários mais sublimes do mestre, oferecendo-nos novos ângulos de leitura, como homenagem aos duzentos anos de nascimento e cento e quarenta de morte do autor. Além de ampliar a compreensão do clássico, com uma escrita leve e segura, a narrativa de Vera Lúcia é capaz de proporcionar intenso encantamento a todos os tipos de leitores.

Terceiro livro da autora de *O Beijo da Mãe* e *O Beijo de Judas*, *Dostoiévski, sem Moderação* vem acompanhado por belas ilustrações de Augusto Paiva. No prefácio, Ronaldo Costa Fernandes destaca o domínio psicanalítico e estético de Vera Lúcia: “Ela elabora a análise psicanalítica que está nas entrelinhas do texto, no imaginário e no gesto simbólico do personagem. Os enredos da dupla personalidade, o comportamento edipiano, o parricídio, a culpa em Dostoiévski, tudo está sob o foco atento, inteligente e acurado da autora.”

A professora Vera Lúcia de Oliveira é formada em Letras pela Universidade de Brasília (UnB), onde se especializou em Literatura Brasileira. Especialista em Teoria Psicanalítica pelo UniCEUB, é membro da Associação Nacional de Escritores e da Academia de Letras do Brasil.



QUERIDA CIDADE

Primeira narrativa longa do acadêmico Antônio Torres depois de um hiato de 15 anos, *Querida Cidade* (Editora Record, 2021) reafirma a grandiosidade do talento do autor de *Pelo Buraco da Agulha*, seu último romance, lançado em 2006.

Querida cidade acompanha a história de um protagonista que, assim como outros personagens do livro, deixou a pequena cidade onde nasceu em busca de uma vida melhor. Ao conversar com a mãe sobre o pai, que sumiu sem deixar vestígios muitos anos antes, o filho rememora a sua própria trajetória.

Por meio de lembranças, projeções e referências culturais de um Brasil profundo, a narrativa costura imaginação e cotidiano de personagens sem nome, permeados pelo mesmo sentimento de vulnerabilidade que os insere num “mundo flutuante, onde tudo está à deriva”. Com sua escrita elegante, densa e firme, na mesma medida da extrema sensibilidade poética, Torres expõe sentimentos universais, resultando numa obra de grande engenhosidade, em que as palavras surgem como potência para demonstrar a suscetibilidade da alma humana.

Aos 81 anos, o baiano Antônio Torres estreou na literatura em 1972, com o romance *Um Cão Uivando para a Lua*. De lá para cá, publicou 18 livros, entre eles *Essa Terra*, *O Cachorro e o Lobo* e *Pelo Fundo da Agulha*.



NOTÍCIA DA ATUAL LITERATURA BRASILEIRA

No segundo volume da série de livros *Notícia da Atual Literatura Brasileira:*

entrevistas, Vitor Ceí, Letícia Malloy e André Tessaro Pelinser (Ed. Cousa, 2021) reúnem 21 entrevistas com escritores de todo o país, realizadas entre novembro de 2019 e junho de 2021.

A ideia central dos organizadores é mostrar entrevistas que ofereçam subsídios para a história contemporânea da vida literária. A série se consolida como material de referência destinado tanto aos atuais quanto aos futuros pesquisadores da literatura brasileira. Nas 276 páginas da obra, os organizadores oferecem diálogos com artistas de várias gerações, e de reconhecida importância, como Ester Abreu, Julie Dorrico, Luisa Geisler, Manoel Herzog, Moema Vilela, Paulo Dutra, Raimundo Carrero, Ronaldo Correia de Brito, Santiago Nazarian, Tatiana Nascimento e Wilson Alves-Bezerra, dentre outros. O primeiro volume, publicado em 2020, reuniu 81 entrevistas, incluindo depoimentos de autores já falecidos. A diversidade da atual literatura brasileira está representada nos dois volumes, com escritores de todas as cores e sexos – brancos, negros, indígenas, LGBTQIA+, de diferentes regiões. Há também uma multiplicidade de formas expressivas, do erudito ao coloquial, do confessional ao ficcional. Além de abordar os processos de criação literária, as entrevistas apresentam o contexto social e político do Brasil atual pelo olhar dos escritores, registrando, assim, a evolução comportamental da sociedade brasileira.

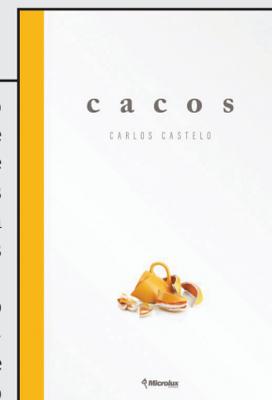


CACOS

Na obra *Cacos* (Editora Penalux, 2021), Carlos Castelo reúne 101 mininarrativas distribuídas numa grande variedade de personagens e situações. Irônico e afiado, o autor compõe um mosaico com “cacos” de diversas histórias, todas curtas (algumas condensadas em apenas duas ou três linhas). Num verdadeiro exercício de síntese e concisão, aprisiona instantes extremos sem abrir mão da verve humorística.

Gregório Duvivier, que assina a orelha do livro, salienta o poder de síntese dos textos: “Carlos Castelo, exímio franco-atirador, se especializou nessa modalidade específica de literatura. Se um romance é uma maratona, o microconto são cinquenta metros rasos. Carlos convoca todos os músculos da palavra para atingir o mais rápido possível a linha de chegada”.

O escritor José Eduardo Degrazia, autor do prefácio, destaca o máximo de intensidade que Castelo obtém com o mínimo de palavras: “Na tradição entre o humor, o terror e a comédia de costumes, se inscrevem os minicontos e microcontos de Castelo.” Humor não falta nas páginas de Carlos Castelo, que também é jornalista, publicitário, poeta e compositor. Um dos criadores do Língua de Trapo, grupo musical marcado pela criatividade e irreverência, Castelo é autor de 14 livros que vão de crônicas e aforismos à poesia satírica.



TANTO MAR ENTRE NÓS: DIÁSPORAS

Tanto Mar entre Nós: diásporas (Ed. Kotter, 2021) é a segunda edição da antologia que irmana Angola, Brasil, Moçambique e Portugal, organizada por Baltazar Gonçalves. O volume homenageia a brasileira Carolina Maria de Jesus, o angolano Agostinho Neto e o português José Saramago. Acolhe a obra de gerações diferentes de homens e mulheres que, sem ignorar as léguas que separam, ousaram insistir em que é preciso navegar, mesmo nesse contexto de “carnaval de cirurgiões”, em que “só o tempo opera” (Sérgio Carvalho Coutinho).

O leitor vai encontrar gêneros literários diferentes em que se exprime muito mais que reclamações a que os escritores têm/nós temos direito. Elas e eles concertam propostas e sonhos: “quando armas transformadas em arados os gemidos serão de euforia” (Sandro Armando Sebastião).

Baltazar Gonçalves nasceu em Franca, cidade industrial, capital do calçado. Começou a trabalhar aos 14 anos na fábrica. Professor de História formado pela Unesp, é pós-graduado em psicopedagogia. Lecionou Ciências Humanas em todas as níveis da educação. Escritor e poeta, Baltazar Gonçalves tem seus dois primeiros livros publicados pela editora Penalux: *Tecido na Papelaria*, em 201, e *Diário dos Miseráveis*, em abril desse ano.



Para valinho, meu sável-*madeleine* e um cálice de alvarinho

Por Delia Cambeiro Ferreira*

Custei a ter coragem de tocar no voo do poeta para o mistério do Infinito, em 21 de julho de 2021. Foi há pouco e me parece tanto, tanto tempo. Poetas da estirpe de Valinho não podem alçar voos sem volta!!! Só hoje, tive fôlego capaz de expandir o que vivi ao experimentar um singelo sável-*madeleine* com um cálice de Alvarinho que, neste momento, ofereço a nosso Poeta.

Foi durante a leitura do poema *Viajando no Alvarinho* que me senti passar pela mesma experiência revelada pelo famoso *gâteau* no romance do escritor francês. O gosto da poesia-*madeleine* que eu lia gerou um impulso, uma força que me fizeram encontrar a linguagem, agarrar a expressão dos sentimentos interiores emparedados no mundo exterior, já tão carente pela falta do Aedo. No universo poético de Valinho, entendemos mistério do Infinito como os próprios segredos da memória, essa instância que não permite enterrarem-se as trilhas do passado pessoal e coletivo arraigados, presos, fincados, para além dos fios da criação. A bem dizer, a memória açula com voracidade os momentos a serem intensamente lembrados.

No encaicho de tudo isso, vamos, então, aos versos do poema *Viajando no Alvarinho*, um dos que muito me açula, e onde ficaram brilhantes goles de um cálice de Alvarinho. Neles – no vinho e nos versos

– ouvimos o poeta cantar a música de sua história, em cada sorvedura cuidadosamente destilada tanto nos versos como no vinho. O cenário está além, o palco chega ao límpido céu de Lisboa, ou como marcou a voz lírica, o palco está montado “sob o límpido céu desta Lisboa/cigana, pombalina, de empedrados,/pastéis de Santa Clara e o João do Grão/onde degusto sável com Alvarinho”. Esse ritual festivo e essa orgia de segredos, mistérios e além poéticos no branco Alvarinho acompanhado do peixe sável – que sai do Atlântico e vai desovar no Rio Minho – também me açulam contínuos remotos aromas e sabores! Não apenas Marcel, em Paris, saboreou/rememorou delícias inesquecíveis. No poema de Valinho, a *madeleine* chega do mar e o chá vem de videiras. Tais iguarias serão, tenho certeza, degustadas com emotiva voracidade por aquele Proust prestes a sonhar com o cadeau a ser oferecido por Valinho agora no Infinito. De lá, nosso poeta nos transporta a tempos além do tempo e, assim também, por ordem de *Mnemosine*, ele nos conduz aos mistérios do passado, aos mistérios do além, nesses poéticos goles, não de chá, mas de Alvarinho, a embeber o sável-*madeleine*. Ah, caro leitor, como insinua o poema “Europa qual um fungo”, muito tem quem tem dentro de si uma roda familiar de imigrantes sentados à mesa, quando se servia “a saudade à sobremesa”! Esses imigrantes, ah, “esses sempre sempre saudosos imigrantes/sempre te dirão as mesmas coisas/ah tudo era tão bom num tempo de antes”! Ah, com certeza, o amigo leitor admirador de Valinho terá, ainda, para degustar na obra de nosso grande poeta, além da memória galaica, poemas de denso langor do sujeito poético a confessar suas lembranças, como eu de família de imigrantes galegos, esquecidos ou desconhecidos de tantos cariocas e, em geral, dos brasileiros.

Por isso, caro leitor, essa sorvedura de Alvarinho-sável-*madeleine* da minha memória para Reynaldo Valinho Alvarez!

*Delia Cambeiro Ferreira é membro do PEN Clube do Brasil.

O patrimônio literário das Academias de Letras

Por Getúlio Marcos Pereira Neves*

Se tomamos o termo cultura no sentido de realização material, de patrimônio palpável, entre as realizações do espírito aí consideradas, há de se incluir a Literatura. Mas assim como a Música, a Literatura pode reunir num só produto os dois sentidos nos quais se toma o termo cultura: o de saberes de uma comunidade e o de produção artística sob regras pré-definidas.

No sentido do imbricamento da cultura dita erudita com a popular, recordo sempre frase de Renato Pacheco, escritor capixaba falecido em 2004: “eu vejo as diversas culturas como vasos comunicantes. Então, o que está numa, permeia-se, passa para outra. E o básico é a cultura popular [...] Então, acho que a gente deve ter sempre uma inspiração no que o povo diz e tentar dar àquilo uma forma erudita.” A coisa fica fácil de entender se lembramos que um Brahms, um Dvòrak, um Bela-Bartók, um Fernando Lopes Graça, impregnaram suas obras musicais, compostas sob regras pré-definidas, da coloração local. Dos saberes das comunidades onde recolheram o material que os inspirou. E não só na música dita “erudita” se vê tal coisa, o que facilmente se constata se lembramos, no campo da “popular”, de um músico como Alceu Valença.

Sendo incontestável que a Literatura é parte do patrimônio cultural de um grupo (seja no sentido de grupo nacional ou não), em que

medida a produção literária de um determinado local, numa determinada época, pode ser utilizada para entender a realidade específica onde foi produzida? Em que medida refletirá os saberes daquela comunidade? Os debates acadêmicos a respeito se sucedem, dando margem a muita discussão. O que importa é que, reunida a produção literária num repositório acessível à pesquisa, estamos cuidando de preservação de patrimônio. É esta, aliás, uma das funções das Academias, locais e regionais, de Letras.

De fato, a reunião de autores nesta espécie de associações tem a vantagem da formação de um acervo que, descontadas aí as qualidades pessoais do acadêmico, representa um “espelho” da produção literária no âmbito geográfico de atuação da casa. Conservando-a, impedimos que se perca material que de outra maneira pouca chance teria de ser lembrado e acessado. É certo que a admissão de candidatos a uma Academia de Letras não se faz com esta preocupação específica, mas até mesmo ao cuidar-se da memória institucional esse viés investigativo pode e deve ser explorado.

Também por este motivo se põe a questão da diversidade. Se na formação da Academia Brasileira, época de transição entre regimes de governo, a preocupação era sobretudo com o viés político dos acadêmicos, nos tempos atuais a intenção é a de contemplar segmentos que tradicionalmente tiveram pouca voz. É certo que essa preocupação com a representatividade, que não é estranha às Academias, muitas vezes é usada como recurso “eleitoral” de candidatos a uma cadeira, o que no final das contas é legítimo.

Abstraídas essas questões, seria bom que as Academias de Letras incentivassem o estudo do seu acervo, reservando espaço nas respectivas revistas e instituindo prêmios para pesquisadores. Dar a conhecer ao público de onde se origina a produção de que são guardiãs é parte do que se entende por papel social das Academias.

*Getúlio Marcos Pereira Neves é membro do PEN Clube do Brasil.

Lembranças de Cabul

Por Jonas Rabinovitch*

Em 2002, fiz parte da primeira missão da ONU/Banco Mundial para reconstrução de Cabul.

Saindo de Nova York, o primeiro destino era Islamabad, no Paquistão. Na manhã seguinte, embarquei num avião da South African Airways fretado pela ONU. Como agora, não havia voos comerciais unindo o Afeganistão ao mundo.

Ao chegar, cenas inesquecíveis: o prédio do aeroporto de Cabul coberto de buracos de balas. Os funcionários do aeroporto pegavam as malas do avião em carrinhos de mão e as traziam para a área de desembarque. O “setor de imigração” era uma mesa e uma cadeira. Um funcionário atarefado recolhia os passaportes explicando que os receberíamos de volta em dois dias.

Um hotel funcionava para atender a jornalistas internacionais. Não podíamos ficar ali, não era seguro. Um colega, motorista da ONU, chamado Mahbub, me levou para a “pensão da ONU” – uma grande quadra perto do centro da cidade cercada por sacos de areia e arame farpado com casas antigas e agradáveis, rodeadas por jardins meio abandonados. Tinha até uma piscina vazia e suja. Tinha toque de recolher às 21h.

Nas ruas, havia uma atmosfera de festa: todos pareciam receber estrangeiros muito bem, felizes que o Taliban havia fugido para as montanhas com a chegada dos americanos e outras tropas estrangeiras.

No primeiro dia em Cabul, o *briefing* de segurança: uma espécie de minicurso com várias horas de duração sobre o que fazer e o que não fazer para evitar riscos. Por exemplo, a população na rua tem o hábito de oferecer chá ou frutas para estrangeiros, seguindo sua forte tradição de hospitalidade. Mas fomos orientados a não aceitar NADA, depois de agradecer com educação.

Quando cheguei, expliquei ao motorista Mahbub que eu integrava a

primeira missão de reconstrução e, portanto, gostaria de visitar as áreas destruídas da cidade. Ele respondeu: “Áreas destruídas por quem? Pelos Hazars? Pelos Pashtuns? Pelos Russos?” A resposta de Mahbub esclarecia muita coisa. A população de Cabul tem um mapa mental sobre quais partes da cidade foram destruídas em quais conflitos. Além disso, esse “mapa” de destruição urbana mostrava a complexidade do desafio de reconstrução.

Afinal, o que faz a ONU em uma situação pós-conflito? O que é uma “Missão de Reconstrução”?

De uma maneira muito simples, trata-se de fazer um projeto dizendo o que teria de ser feito, como, por quem, quanto iria custar – incluindo um cronograma e resultados esperados.

Nosso principal contato no governo era o ministro Ashraf Ghanni, para desenvolvimento e cooperação internacional. Na primeira reunião com toda a equipe, ele disse: “Para nós, o seu trabalho é muito importante. Eu queria aconselhar vocês a olharem com atenção a experiência de Curitiba, no Brasil, onde há lições muito interessantes.” O ministro ainda não sabia que sou brasileiro e havia trabalhado por muitos anos em Curitiba como planejador urbano e assessor do prefeito Jaime Lerner.

Mahbub havia nascido em Cabul e me ajudou a entender a complexidade da história recente da cidade naquele início de século XXI.

– Mahbub, como era a vida na época do Taliban?

– Triste. A gente não podia ter festas, ouvir música, as mulheres não podiam sair na rua...

– Mahbub, a sua esposa usa burca?

– Claro.

– Por quê?

– Porque é correto.

– E porque a burca é azul clara?

– Porque é bonito, elas ficam parecidas com pássaros... Há países onde a burca é preta, fica tudo muito triste...

Espero que esteja tudo bem com Mahbub e sua família. Leio as notícias atuais sobre Cabul e o imagino pensando: “É... Está ficando tudo muito triste...”

*Jonas Rabinovitch é arquiteto urbanista e conselheiro sênior da ONU em Nova York para Inovação e Gestão Pública.

O esquecido cronista André Carrazzoni

Por Danilo Gomes*

Quando, na remota adolescência e primeira mocidade, descobri os cronistas, André Carrazzoni estava entre eles. Eles, quem? Humberto de Campos, Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Elsie Lessa, Otto Lara Resende, Manuel Bandeira, Rachel de Queiroz, Moacyr Andrade, Alberto Deodato, Henrique Pongetti, Ivan Ângelo, Dinah Silveira de Queiroz, Félix Fernandes Filho, Maluh de Ouro Preto, Vivaldo Coaracy, dentre outros.

Foi quando descobri um livro de André Carrazzoni, intitulado *Poesia e Prosa do Cotidiano*, edição da José Olympio, 1957. Gostei das crônicas do autor, menos dos poemas, de dolente viés parnasiano, embora aprecie alguns poemas do Parnaso brasileiro, como Bilac e Raimundo Correia.

No prefácio do mencionado livro, o poeta Cassiano Ricardo, amigo do cronista, lembra que o gaúcho escrevia versos parnasianos na juventude, e abre o jogo, com sinceridade: “O jornalismo, que é um ótimo remédio pra curar parnasianismo, o obrigou a despojar-se dessa exuberância verbal antes que a Semana da Arte Moderna o fizesse.”

Em seguida a essa leve cipoada de amigo sincero, o poeta modernista faz todos os elogios ao cronista sul-rio-grandense.

O livro a que me refiro tem 245 páginas. É uma espécie de testamento literário do autor, que deixou outras obras, inclusive duas biografias de seu amigo Getúlio Vargas, de quem foi diligente assessor.

André Gonçalves Carrazzoni, jornalista político, homem de grande cultura humanística, nasceu em Santana do Livramento, RS, em 15 de outubro de 1896. Morou no Rio e São Paulo e depois em Brasília. Faleceu em 12 de outubro de 1982, segundo nos informa Napoleão Valadares em seu *Dicionário de Escritores de Brasília*, 4ª edição, André Quicé, Brasília, 2021.

Foi um cronista de méritos, pode-se dizer um excelente cronista. Suas crônicas são carregadas de suave carga poética, direi mesmo lírica. São ótimas, seja quando evoca o poeta Alceu Wamosy (que só viveu 28 anos), seja quando escreve sobre o Rio de Janeiro e Salvador, seja, ainda, quando expressa sua admiração por Machado de Assis ou por Paul Valéry, o poeta francês em voga.

A prosa de André Carrazzoni, volto a dizer, se reveste de intensa poeticidade, como na crônica denominada “Sugestões verlainianas”.

O jornalista andou pelos Estados Unidos e Canadá, inspirações para páginas de arguto observador.

Na crônica “Um panfletário”, ele comenta a morte de Léon Daudet, e começa assim:

“Entre as notícias que nos vêm de Paris ou de Vichy, a última, que se resume em meia dúzia de linhas, é sobre a morte de Léon Daudet. Com ele, certo se extingue um dos raros sobreviventes daquela raça aristofanesca de panfletários que já floresceu sob o céu de França. Amando a polêmica, porque era um instrumento de ação e de luta, Léon Daudet soube transmitir a essa província do jornalismo todas as gamas da violência, todos os furores da demolição, todos os venenos da irreverência. (...) Mas esse terrível excitador de paixões coletivas, que se alistou sob a bandeira da restauração monárquica, talvez conduzido pela necessidade ingênita da contradita e do combate, conhecia também todos os segredos das tintas do lirismo humano. Depois de semear ventos de tempestades, o artista literário, rico de matizes e sutilezas, gostava de amansar a cólera elemental com o arco-íris da fantasia e da imaginação.”

Em meio às agitações da política, esse admirador de Getúlio Vargas e de Borges de Medeiros, de Winston Leonard Spencer Churchill e de D. Pedro II era leitor de Verlaine e Mallarmé, de François Mauriac e do mencionado Paul Valéry.

Alma lírica, amava as florestas, as flores, a vida bucólica, virgiliana, os pássaros e os ventos. Na crônica “Sob o signo de Lucrecio”, evoca um passeio campestre, começando assim:

“Um imprevisto lançou-me num passeio através do mais gigantesco e prodigioso parque de plantas vivas que já vi e que é simplesmente o Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Não tendo ido ali para herborizar como Jean-Jacques Rousseau nos bosques do Delfinado ou entre os vales da Suíça, confesso que acabo de regressar impregnado do sentimento de uma total e reparadora comunhão com a natureza. Aos meus amigos, que se debatem num dilúvio de boatos, nos cafés da Avenida ou nas poltronas do Jôquei Clube, gostaria de aconselhar não a volta imediata à natureza, como filosofia de vida, mas um banho refrescante naquele mar de folhagens verdes, para higiênico repouso da imaginação. No seio da mata, à sombra das árvores carregadas de confidências dos favô-nios ou da revolta das ventanias, perto das montanhas lavadas de sol, oscilamos entre a sensação de eternidade e a consciência da nossa transitoriedade.”

André Carrazzoni – informa Napoleão Valadares – morou em Brasília e aqui se tornou membro da Associação Nacional de Escritores – ANE. Foi condecorado com a Ordem do Cruzeiro do Sul, do governo brasileiro.

É sempre bom lembrar cronistas do passado, hoje bastante esquecidos, como André Carrazzoni, Vivaldo Coaracy (*Couves da minha horta*), Eneida (*Aruanda*), Frederico Branco (*Postais paulistas*), Lourenço Diaféria (*O empinador de estrelas*), Clemente Luz (*Invenção da cidade*), autores de talento, cujas obras se incorporaram para sempre à literatura brasileira – e algumas são hoje raridades bibliográficas, peças gratas aos bibliófilos.

*Danilo Gomes é da Academia Mineira de Letras.

A atualidade de Shakespeare

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com

Somos a somatória de nossa educação e cultura (ou a falta delas). Mas nem sempre temos ciência do que se passa ao nosso redor. Ter consciência do mundo, como nos ensinou Shakespeare, é saber que se entra num drama que existia antes de nós; que nele atuamos e que um dia vamos deixá-lo.

Em excelente artigo publicado, recentemente, no jornal *O Globo*, o antropólogo Roberto DaMatta (autor pioneiro do estudo “você sabe com quem está falando?”) fez uma comparação da atual “cena” brasileira com personagens retratados pelo clássico dramaturgo inglês. A reflexão nos levou a revisitar os ensinamentos de quem mais tem a ensinar sobre o teatro no mundo – o criador de Hamlet.

Nascido na Inglaterra, em 1564, e tendo vivido até 1616, William Shakespeare foi contemporâneo da descoberta do Brasil pelos portugueses, em 1500. Não há quem deixe de citá-lo como maior poeta e dramaturgo de todos os tempos, no idioma inglês, bem como entre aqueles poucos que decifraram de forma tão profunda a alma humana. Suas peças capturaram de modo sem precedentes as emoções associadas aos eternos conflitos humanos. O “pai da psicanálise”, Sigmund Freud (1856-1939), por exemplo, usou muitos de seus personagens para explicar inúmeros transtornos psicológicos.

O célebre poeta Benjamin Jonson (1572-1637), famoso dramaturgo da Renascença, preconizou que seu contemporâneo seria o “gênio de todos os tempos”. De fato, as histórias, personagens e frases shakespearianas continuam permeando a cultura universal, questionando temas como o amor, a moral, a ética, a mentira, o poder e a guerra.

Conhecido também como “O bardo imortal de Avon”, Shakespeare foi venerado já durante a vida, mas adquiriu um significado transcendente, anos depois. Os românticos, especialmente, aclamaram a sua genialidade e os vitorianos idolatraram-no como um herói, com uma reverência tamanha que o irlandês George Bernard Shaw (1856-1950) nomeou de “bardolatria”.

Autor de quase 40 peças (entre elas Hamlet, Romeu e Julieta, Otelo, Macbeth, Rei Lear, além de diversos poemas e sonetos), traduzidas além de 100 idiomas, sua obra, embora escrita há mais de quatro séculos, continua sendo referência de aprendizado contínuo para leitores de diferentes gerações, em todo o mundo.

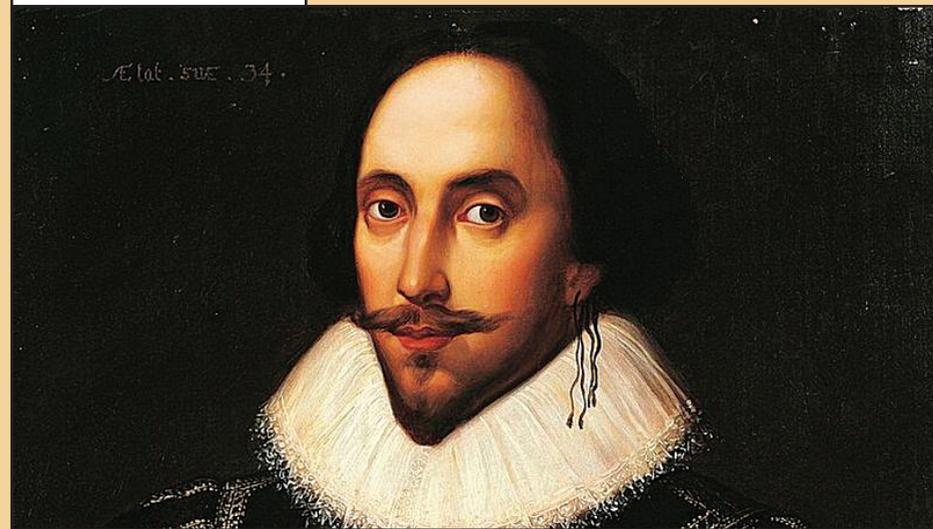
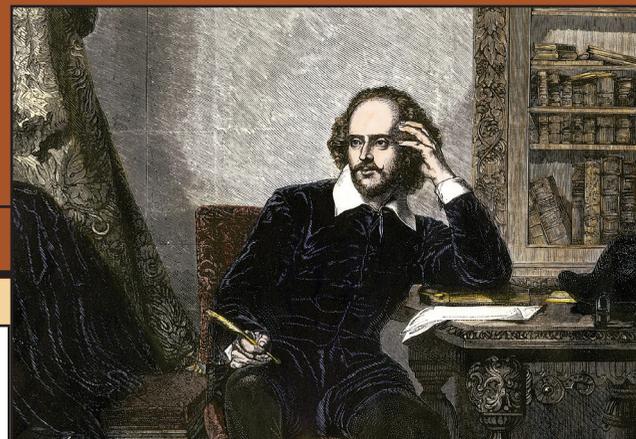
Personagens como Hamlet, Shylock, Lady Macbeth, Ofelia, Polônio, Banquo ou Iago, para citar apenas alguns, fogem dos arquétipos clássicos. Essa é uma de suas melhores habilidades: quando acreditamos que conhecemos o personagem, nos é revelado algo oculto que nos surpreende.

Com sua hábil escrita, Shakespeare traçou o contorno de figuras imortais: reis atormentados, comerciantes, bruxas ou doces apaixonados se mostram com as mesmas contradições de todos nós. O espectador contempla, ainda hoje, pedaços do seu próprio “eu” (ou de suas circunstâncias), presos ao cenário ou incrustados em magníficos personagens.

Em sua dramaturgia, encontramos um ordenamento de mundo fundamentado, em grande parte, na política (22 peças tratam de temas políticos, a maioria de forma direta). Ao alertar, em Hamlet, que “o tempo está fora dos eixos”, por exemplo, Shakespeare nos ensina, entre outras questões, que a política se caracteriza pela gravidade e pela disjunção.

As diferentes formas de exercício do poder, em suas peças, dão significados distintos à vida dos indivíduos, à história de uma cidade ou ao destino de um povo. Os personagens shakespearianos – na sua natureza e humanidade – atravessam a vida defrontando-se consigo mesmo e com o poder, num encadeamento de fatos guiados também pelo destino (acontecimentos sem controle por parte do sujeito, em cujo limite está a morte).

William Shakespeare é tido como um dos mais influentes dramaturgos do mundo.



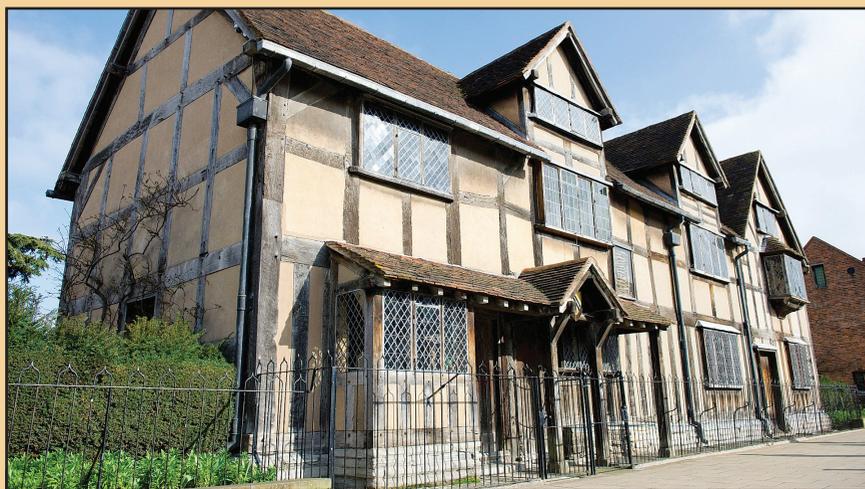
Como não admirar as descrições das monarquias absolutistas, onde o Estado e a sociedade estão integrados? O governo como uma “família”, onde ser rei não é um cargo disputado, mas um papel predestinado. Na realeza shakespeariana, o legal e o circunstancial se fundiam no “sangue azul” e num indiscutível “direito divino”. Reis e nobres eram donos do reino. Não se governava por consentimento eleitoral, mas através de um elo com o sagrado. Se mudarmos os nomes dos personagens, os enredos não parecem atuais?

A genialidade de Shakespeare pode ser atribuída, entre outras qualidades, à sua imensa capacidade de saltar do individual para o coletivo – e vice-versa. A abordagem de seus textos permite acompanhar as paixões humanas e as demências coletivas da história, oferecendo-nos o encontro entre política e vida, cujo pano de fundo é a presença constante da tragédia. Uma obra que une arte e política, homem e poder, caos e controle, vida e morte, colocando à disposição da humanidade um espaço de aprendizagem sempre aberto. O resultado é um legado inesgotável de leituras possíveis.

Segundo Edmund Wilson (1895-1972), expoente crítico literário norte-americano, “dois leitores nunca leem o mesmo livro”. Uma vez escrita, a literatura é reapropriada de forma dialética com a intenção original do autor. Os diálogos de um texto, somados à época e à biografia de cada um, constituem outra obra. Somos sempre três e faz parte do mistério do pensamento a interação dos polos. Shakespeare sempre será atual, universal e eterno: eis a questão.

“As coisas mais mesquinhas enchem de orgulho os indivíduos baixos.” (W.S)

“Ser ou não ser, eis a questão. Qual é mais digna ação da alma: sofrer os dardos penetrantes da sorte injusta, ou opor-se a esta corrente de calamidades e dar-lhes fim com atrevida resistência?” (W. S)



Casa onde nasceu Shakespeare, na pequena cidade inglesa Stratford-upon-Avon, considerada um museu a céu aberto (com cerca de 25 mil habitantes, conserva a herança arquitetônica medieval).

BIOGRAFIA

A biografia de William Shakespeare começa com seu nascimento, em 1564, em Stratford-upon-Avon, Warwickshire (Inglaterra). Seu pai, John Shakespeare, era vereador, e sua mãe, Mary Arden, uma senhora rica, de boa posição social.

Em 1582, Shakespeare deixou os estudos e começou a trabalhar. Com 18 anos, engravidou Anne Hathaway (1582-1616), filha de um agricultor. Depois do nascimento da criança, os dois se casaram e mudaram para Londres, onde ele se uniu ao grupo teatral The Chamberlain's Men, logo se destacando com admirável sucesso. O casal teve três filhos: Susanna e os gêmeos Hamnet e Judith.

A partir de 1592, surgiu a figura do Bardo. O “dramaturgo de Avon” começou a adquirir uma notável fama nos cenários londrinos. Seu mecenas, o jovem Henry Wriothesley, Duque de Southampton, o inseriu nos círculos intelectuais mais aclamados da época. Essa influência, somada ao seu caráter expansivo, fizeram com que tivesse uma vida social glamorosa e bastante agitada. Fez amizade com celebridades da época, como os escritores Christopher Marlowe, Ben Johnson, Robert Greene e Richard Burbage. Todos ficaram admirados com os seus primeiros trabalhos. Dessa forma, Henry IV (parte um) e, mais tarde, Henry IV (parte dois), junto com Henry V alcançaram sucesso estrondoso na cena teatral londrina.

Comédias como Dois cavaleiros em Verona e Sonhos de uma noite de verão demonstravam a engenhosidade, a originalidade e o encanto de histórias que, cada vez mais, atraíam o público da época.

Em 1597, o Bardo de Avon já havia escrito 15 das 38 obras que conhecemos atualmente. Chegado o novo século, suas obras literárias continuaram crescendo e amadurecendo, com legados imortais para a nossa história, como Hamlet, Othello e Rei Lear, para citar apenas alguns. Os diálogos deste segundo momento eram mais ricos, mais dinâmicos e criavam, por sua vez, um estilo poético mais polido e profundo.

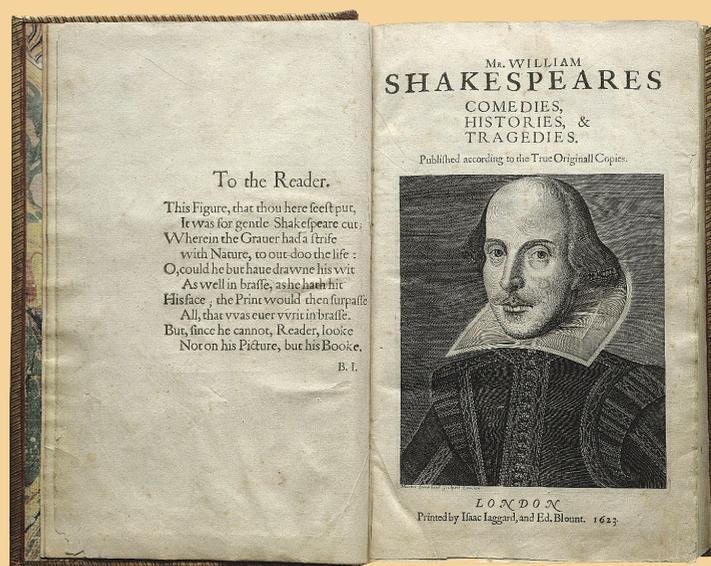
Os textos de Hamlet são diferentes dos que podemos perceber em épocas anteriores, como em Henry V. A linguagem é mais hábil e as falas mais ágeis, mostrando a profundidade psicológica dos personagens. Na época, William Shakespeare publicou seus famosos Sonetos.

Outra conquista do “Bardo” foi a de enriquecer o idioma inglês, criando expressões, tais como “to fall in love” e “all our yesterdays”.

Suas últimas obras, como Cymbeline e A Tempestade, dão forma a um gênero que conversa com a tragicomédia, em que as histórias são um pouco sombrias, sem, no entanto, jamais perder a habilidade de surpreender o espectador.

Shakespeare morreu no mesmo dia do seu aniversário, aos 52 anos.

“É mais fácil obter o que se deseja com um sorriso do que à ponta da espada.” (W.S.)



O livro conhecido como *First Folio*, datado de 1623, é a primeira coleção impressa das peças de Shakespeare (The Newberry Library, Louis Silver Collection, 1965).

É bem conhecida a coincidência das datas de morte de dois dos grandes escritores da humanidade, Miguel de Cervantes e William Shakespeare (ambos com data de falecimento no dia 23 de abril de 1616).

A morte do dramaturgo inglês, até hoje, envolve especulações, assim como a sua própria identidade. Envolto em mistérios, há muitas incertezas sobre a sua biografia. Não faltam teorias – sendo a mais crível a de que ele seria um pseudônimo de Christopher Marlowe, poeta e dramaturgo da mesma época, que teria trabalhado na composição de algumas peças de teatro atribuídas a Shakespeare.

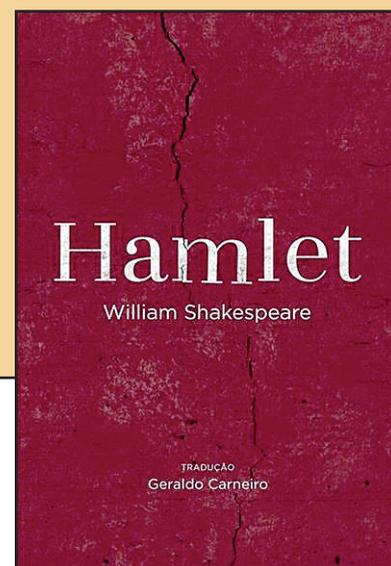
Os restos mortais do Bardo foram sepultados na igreja da Santíssima Trindade (Holy Trinity Church), em Stratford-upon-Avon. Seu túmulo mostra uma estátua vibrante, em pose de literata, mais vivo do que nunca. A cada ano, na comemoração de seu nascimento, é colocada uma nova pena de ave na mão direita de sua estátua. Mantém-se, de geração em geração, a memória de quem nos presenteou com criações imortais.

A ARTE DE ENRIQUECER UM IDIOMA

Apesar das polêmicas e de não sabermos ao certo se todas as obras shakespeareanas foram, de fato, escritas pelo “Bardo de Avon”, há uma realidade inegável: a imensidão do seu legado. Uma de suas heranças foi configurar a linguagem para adaptá-la aos seus propósitos artísticos.

Com isso, ele enriqueceu o idioma inglês de forma admirável. Estima-se que, a partir de sua obra, foram incluídas cerca de 2000 novas palavras ao idioma. Termos como “auspicioso”, “minguante” e “intempestivo”, para citar apenas alguns exemplos, são resultado de sua magnífica imaginação. Além disso, seus personagens figuram em nossa consciência coletiva, sendo referências-chaves para entender muitas realidades, inclusive o atual cenário brasileiro.

Hamlet, clássico de William Shakespeare, com tradução do escritor, poeta e dramaturgo Geraldo Carneiro, da Academia Brasileira de Letras, foi lançado em bela edição de capa dura, na Livraria da Travessa, em 2019.



“Chorar sobre as desgraças passadas é a maneira mais segura de atrair outras.” (W.S.)

J Literatura Infantil

Por Anna Maria de Oliveira Rennhack

Visite a nossa página na internet: annarennhack.wix.com/amor

Homenagem às crianças!



Mestre em educação, pedagoga, editora de livros infantis e didáticos – e-mail: amor.anna2014@gmail.com

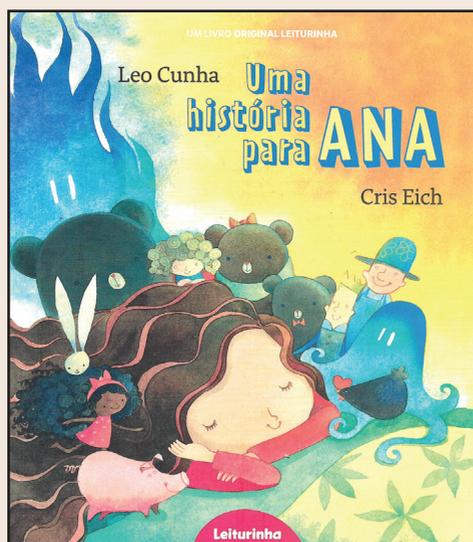
Voltamos em nossa página ao mundo mágico das crianças, no mês da comemoração do seu dia.

A literatura infantil é importante meio de comunicação, de enriquecimento de ideias e de criatividade para as crianças. Repito Bartolomeu Campo de Queirós que afirmava que a literatura para crianças não tem que ensinar nada, mas, ao mesmo tempo, ensina muito! Abre novas propostas de olhar, aguça a imaginação, apresenta lugares e personagens incríveis – reais alguns, mágicos outros.

Começo a nossa seleção com a linda, inteligente e criativa homenagem de Leo Cunha a Ana Maria Machado. O autor Leo se declara à autora Ana com uma história criada a partir de narrativas da própria autora e o livro infantil repleto de boas histórias é personagem principal.

Parabéns, Ana Maria Machado pelos seus 80 anos carregados de histórias incríveis! Parabéns, Leo Cunha, por nos brindar com tanto sentimento em mais uma história genial!

Uma História para Ana – Leo Cunha escreveu e Cris Eich ilustrou (Leiturinha) – Várias histórias que vão se ligando e formam uma nova história. Combinação de histórias de Ana Maria Machado. Histórias que embalam a chegada do sono e fazem a TV ser esquecida.

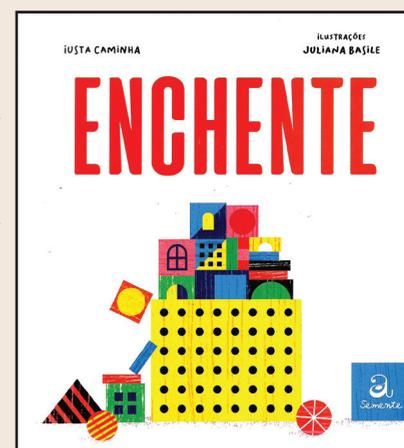


De Passinho em Passinho – Um livro para dançar e sonhar – Otávio Júnior escreveu e Bruna Lubambo ilustrou (Companhia das Letrinhas) – Otávio tem sensibilidade especial para olhar o seu entorno e criar histórias. Histórias que vão ganhando o mundo, de passinho em passinho. Dança cheia de ritmo e passos especiais que o

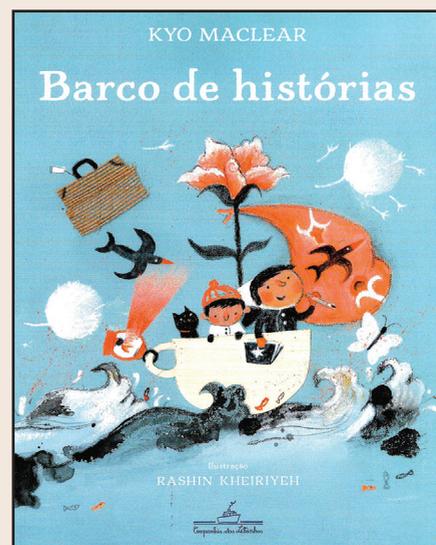
autor descreve quase como um poema. Através da Dança do Passinho, os jovens se destacam, têm a autoestima aumentada e ganham respeito e novos admiradores. E o autor afirma: “De passinho em passinho, sonho em criar muitas histórias inspiradas na favela.” Destaque para as ilustrações e cores de Bruna Lubambo, quentes e vibrantes.

Enchente – Justa Caminha, ilustrações de Juliana Basile (A Semente) – Mães e pais vão logo se identificar com essa história! “Espera um pouquinho”, “Vai dar tempo!”, “Eu aguento”, todas as frases têm o mesmo significado: adiar a ida ao banheiro porque a brincadeira está ótima!

A consequência? Uma enchente! A ilustração de Juliana Basile acompanha a narrativa de Justa Caminha, criando novos elementos nas páginas, aumentando a brincadeira e o tempo de espera...



Tem Outra Palavra na Palavra – Nani escreveu e ilustrou (Compór) – Minhas referências do Nani são *O Jornal do Menininho*, *A Traça de A a Z* e *A Traça de Z a A*, para citar alguns títulos que conheci na época da Editora Record. Criativo, dono de um humor instigante e inteligente, a garotada se divertia – e aprendia sem querer –, acompanhando a traça de um lado a outro do dicionário (os buracos nos livros eram atração!) ou criando um jornalzinho escolar sob sua inspiração. Agora, Nani retorna ao mundo infantil com a criativa história de encontrar novas palavras nas palavras. Um jogo engraçado que, novamente sem querer (será?), vai estimular a garotada a novas leituras – delícia!



Barco de Histórias – Kyo Maclear escreveu, Rashin Kheiriyeh ilustrou, Lígia Azevedo traduziu e o posfácio é de Vivianne Reis (Companhia das Letrinhas) – Quando abri o livro, imediatamente recordei a cena de *O Violinista no Telhado*, quando, na Rússia, as famílias judias têm que deixar tudo para traz, em busca de vida e de esperança. Neste livro, a maneira como as crianças brincam com a situação e criam diferentes maneiras de amenizar as dificuldades talvez seja a forma mais comovedora de descrever o exílio, a incerteza, a tristeza por abandonar o “seu chão”.



Inúmeras cenas nos ferem diariamente sejam da Líbia, da Síria, do Afeganistão, não importa de onde, em busca de acolhida. São as crianças que fazem brilhar os olhos dos adultos, cheios de esperança, suas risadas amenizam a dor da fome, o frio, a triste memória dos que ficaram. Lindíssimo livro.

JL BCB Biblioteca Cultural Básica

O Jornal de Letras apresenta mais três autores cujas obras não podem faltar numa Biblioteca Cultural Básica.

acervo JL



FLORBELA ESPANCA

(Vila Viçosa, 8 de dezembro de 1894 – Matosinhos, 8 de dezembro de 1930). Nascida Florbela da Alma da Conceição, foi uma poetisa portuguesa. Foi uma das primeiras feministas de Portugal. Era filha de Antônia da Conceição Lobo e de João Maria Espanca, que era casado

com Mariana do Carmo Toscano, mas não tinha filhos. Florbela só foi batizada no dia 20 de junho de 1895, como filha de Antônia da Conceição Lobo e de pai incógnito, que só a reconheceu como filha depois de sua morte. Em 1903, começou a escrever seus primeiros textos e assinar “Flor d’Alma da Conceição”. Estudou no Liceu Nacional de Évora, onde permaneceu até 1912. Em 1913, casou-se com Alberto Moutinho. Em 1914, o casal muda-se para o Alentejo, onde abrem uma escola e Florbela passa a lecionar. Foi colaboradora do jornal *Notícias de Évora*. Em 1917, ingressa no curso de Direito da Universidade de Lisboa. Em 1921, divorcia-se de Alberto, passa a viver com Antônio Guimarães e sente o preconceito da sociedade. De volta a Lisboa, em 1923, publica *Livro de Sôror Saudade*. Nesse ano, sofre novo aborto e separa-se do marido. Em 1925, casa-se com Mário Laje. Em 1927, sua vida é marcada pela morte do irmão, fato que a levou a tentar o suicídio. A morte precoce do irmão lhe inspirou a escrever *As Máscaras do Destino*. Florbela Espanca suicidou-se com o uso de barbitúricos, no dia de seu aniversário, às vésperas da publicação de sua obra prima, *Charneca em Flor*, que só foi publicada em janeiro de 1931.

acervo JL



JÚLIO DANTAS

(Lagos, 19 de Maio de 1876 – Lisboa, 25 de maio de 1962). Formado em Medicina, dedicou-se à literatura, à diplomacia, ao jornalismo e ao ensino. Foi deputado, ministro da Instrução Pública e ministro dos Negócios Estrangeiros (1921-1922 e 1923), terminando a sua

carreira pública como embaixador de Portugal no Brasil (1941-1949). Considerado retrógrado por alguns, como Almada Negreiros, que escreveu o *Manifesto Anti-Dantas*, muito polêmico, conseguiu granjear durante a vida grande prestígio social e literário, prestígio que decaiu após a sua morte. Foi eleito sócio da Academia de Ciências de Lisboa (1908), instituição que presidiu a partir de 1922. Publicou o seu primeiro artigo em 1893 no jornal *Novidades*, e o seu primeiro livro de versos em 1897. Do ponto de vista estilístico, a sua obra situa-se entre o romantismo e o parnasianismo, predominando nas obras de teatro e nas novelas os temas históricos. Contudo, as melhores obras de Júlio Dantas, nomeadamente *Paço de Veiros* (1903) e o *O Reposteiro Verde* (1921), têm um claro pendor para o naturalismo. Foi durante décadas um dos autores portugueses mais apreciados no estrangeiro. Contrariando o estereótipo de conservadorismo ligado à sua imagem pública, quebrou com a tradição e, não sendo crente, resistiu à pressão social da época: casou civilmente, a 30 de Maio de 1942, com Maria Isabel Penedo Cardoso e Silva, da qual não teve descendência, e recusou um funeral católico, mantendo-se fiel às suas convicções laicas.

acervo JL



VERONICA STIGGER

(Porto Alegre, 1973) Escritora, jornalista, professora e crítica de arte brasileira. Formou-se em Jornalismo, mas dedica-se à pesquisa universitária. É doutora em teoria e crítica da arte pela Universidade de São Paulo. Desde 2001, vive em São Paulo com o poeta, ensaísta e crítico

Eduardo Sterzi. *O Trágico e Outras Comédias*, seu livro de estreia, foi publicado primeiramente em Portugal, em 2003, pela editora Angelus Novus. Em abril de 2004, foi lançado em versão brasileira pela 7Letras. Em 2007, participou da V Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP), ao lado de Cecília Giannetti e Fabrício Corsaletti, entre outros. Em novembro de 2010, montou a exposição, com cartazes afixados nos tapumes da obra do SESC 24 de Maio de São Paulo. Depois de três livros de contos, lançou em 2013 seu primeiro romance, *Opisanie Swiata* (“Descrição do mundo”, em polonês), que ganhou o Prêmio Machado de Assis (melhor romance) da Biblioteca Nacional de 2013, o Prêmio São Paulo de 2014, na categoria “melhor estreado acima de 40 anos”, e o Prêmio Açorianos de narrativa longa, também em 2014. Como curadora de artes plásticas, organizou, em 2013, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, a exposição Maria Martins: Metamorfoses, que ganhou o Grande Prêmio da Crítica da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA). Em 2015, organizou, com Eduardo Sterzi, a exposição de fotografias do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, *Variações do corpo selvagem*, em São Paulo, no SESC Ipiranga.

O sinal da águia: Carlos Nejar sobre o mar do tempo

Por Diego Mendes Sousa*

Mitos fracassados, releituras de fatos, relatos, memórias, lembranças, esvaziamento dos sentimentos, sonhos, pesadelos, transposição, fortuna e miséria, transfiguração, o homem e o lobo, seus subterfúgios, seus alentos desesperados, seus abismos inadiáveis e terríveis.

Na peça *O Sinal da Águia* (Minotauro, 2021), com raiz penetrante na humana condição ou na condição humana, aberta ao susto do tempo, o narrador onipresente fomenta uma discussão alegórica sobre a realidade e termina por rejuvenescer os múltiplos sentidos da dor, da desesperança e da angústia.

Na epígrafe de abertura do romance, o *alter ego* do escritor Carlos Nejar (1939-), que se confidencia através do Longinus, afirma que: *Não adiamos Deus (...) O verdadeiro poeta tem a memória da espécie.*

Carlos Nejar arquiteta a sua personagem e protagonista com o nome de Alúvio Solário Analdo, que “molhado de palavras nasceu.”

A águia é a representação do espírito profundo da visão privilegiada de Carlos Nejar, também de uma revoada sem destino, calhada no vocabulário encantador do mistério nejariano.

Tudo na águia é metafísico. Diz o provérbio que: “o que é do homem o bicho não come.”. Por intermédio de construções adversativas, o romance se arma de evocações que doutrinam o ritmo e o espetáculo da própria águia: ares, céu, ninho, caverna, imortalidade, metamorfose, olhos, caminho...

Em dez capítulos, Carlos Nejar tece uma fábula com poesia, inteligência, sensibilidade e, sobretudo, ousadia. A obra está repleta de sabedoria e de ensinamentos.

A clareza vai brotando das páginas, voando (ao mesmo instante enraizando) e adentrando a casa da alma.

De repente, o leitor encontra-se no centro do tempo, fígado pelas garras da águia,

sobrevoando o mar da eternidade.

Não à toa, Carlos Nejar dispara que “a loucura é apenas lento desequilíbrio entre o lobo e o homem.”

A águia liberta o homem do jugo do lobo. A atmosfera do homem é a medida dos seus bichos insondáveis: águia, pássaro, rato, lobo, tigre, cavalo...

A estória realista e fantástica de *O Sinal da Águia* desenvolve-se em *Lajedo dos Pardais*, lugar quimérico, com a absurda verdade da sociedade e as suas contradições: poder, inveja, penúria, disputas, crueldade, desumanidade, calamidades, doenças, revoltas, crimes... até a enigmática ferocidade dos instintos.

O leitor é conduzido ao espelho e o fictício é o rosto do vivido. *Lajedo dos Pardais* existe à margem do rio *Arcanjo*, um rio de solidões e espantos, que revigora a cidade e os seus habitantes.

Ressalta Carlos Nejar: “O rio não mente quando fala de si mesmo. As autobiografias, em regra, inventam, falseiam – pensou Alúvio – o rio, mesmo ao memoriar, é exato.”

O presente romance é também metalinguístico. Traz à tona as cintilações da força literária de Carlos Nejar: *Riopampa*, *Musalém de Flores*, *Pedra das Flores*, *Assombro*, a ideia extraordinária do círculo, além da releitura de poetas que preconizaram imagens redentoras, como Jorge Guillén, Rimbaud, Dante Alighieri, Gôngora, Jorge de Lima, Edgar Lee Masters, Paul Valéry (“Onde está o homem que não explorou em espírito a natureza abissal?”), dentre outros notáveis artistas do verso.

Considero *O Sinal da Águia* uma rica paródia sobre as ilusões e as desilusões contemporâneas (“A memória é esquecimento às avessas”).

Escrito no cume da pandemia do vírus da Covid-19, este livro é um visível testemunho sobre a sobrevivência e a continuidade da espécie humana.

O conjunto das personalidades inventadas por Carlos Nejar enfrenta os erros e salda os acertos, no entanto, o homem não deixa de ser o algoz do homem.

De acordo com Thomas Hobbes: “o homem é o lobo do homem.”

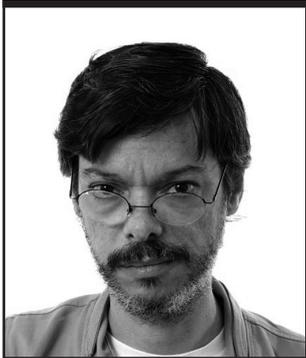
Carlos Nejar enfatiza a metáfora das feras, porém é a esperança e a fé em Deus que trazem o substrato do infinito, o olhar engrandecido sobre as águas imemorais e o oceano das conquistas sobre o mar (o crescimento do tempo) que abraçam as gerações, a fraternidade e o amor. *O sinal da águia* se traduz em luz.

A chave secreta deste romance é a digressão do tempo e do mar. Carlos Nejar apanha ainda o erotismo e a formosura da linguagem: “E o mar não acaba. E o orvalho atravessa a árvore. // E a concha fosfórea do sol e o mar que morre e não se acaba.”

A expressão da madrugada coletiva está entranhada na racionalidade da criatividade nejariana e a sua invenção possui asas maiores que detém o rumor da filosofia e da profecia: “*Não se pode evitar a luz! Não, não quero ser compreendido, mas compreender, sabendo que o que parecia velho, já se renovou. E a palavra tem infância!*”

A literatura de Carlos Nejar é feita para sentir, guiada por uma intuição capaz de impressionar, que escapa ao humano por pertencer ao gênio.

*Diego Mendes Sousa é poeta e crítico brasileiro. Estudioso da obra completa do acadêmico Carlos Nejar.



arte Desenharte

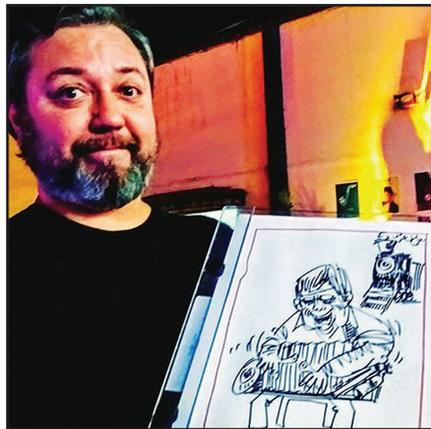


Por Zé Roberto

zrgauna@hotmail.com

ALEX PONCIANO

Nascido na cidade de Santos, no dia 19 de outubro de 1969, Alexandre Rodrigues da Silva, o Alex Ponciano, começou sua trajetória publicando tiras cômicas no jornal *Artenews*. O desenhista de humor é neto de José Ponciano da Silva, ilustre cidadão do município de Porto Belo, no estado de Santa Catarina, onde é nome de rua, e de quem o cartunista aderiu o sobrenome. Entre os anos de 1998 a 2000, trabalhou desenhando caricaturas ao vivo no programa *Ação e Reação*, para a Santa Cecília TV, emissora da Universidade Santa Cecília, da Baixada Santista. Em 2001, o artista passou a atuar como ilustrador nos jornais *Expresso Popular* e *A Tribuna*, o mais tradicional jornal da cidade de Santos, exercendo também as atividades de chargista e infografista, permanecendo no Grupo A Tribuna até 2017.



Sendo um dos mais atuantes cartunistas de Santos (cidade que revelou caricaturistas como Dino, autor da primeira caricatura de Pelé, e José Carlos Lobo), Alex Ponciano marcou presença com uma exposição individual na Gibiteca Municipal Marcel Rodrigues Paes, em 2017, homenageando Patativa do Assaré, Naná Vasconcelos, Lamartine Babo, Ariano Suassuna e outros ilustres brasileiros. Por conta de sua atuação em shows musicais, o cartunista teve uma de suas artes estampada no CD *Zona e Progresso*, da banda Pedro Luís e a Parede, em 2001.

Alex Ponciano colabora atualmente com a coluna digital *Caricaturista Repórter*, no *Blog N' Roll* (blognroll.com.br) para o qual desenha caricaturas em eventos musicais, como a arte que exibimos aqui do grupo Garotos Podres, que aconteceu no Santos Punk Festival, em 2018. O artista também se dedica à criação de painéis artísticos em paredes, muros e outras bases,

com técnicas *doodle art* e *lettering art*, que consiste em desenhos simples, livres e criados de improviso, e letras e mensagens, respectivamente.

O cartunista santista pode ser visitado nas redes sociais no Facebook, no perfil AlexPonciano.arte, ou no Instagram, no perfil @alexponciano_arte.

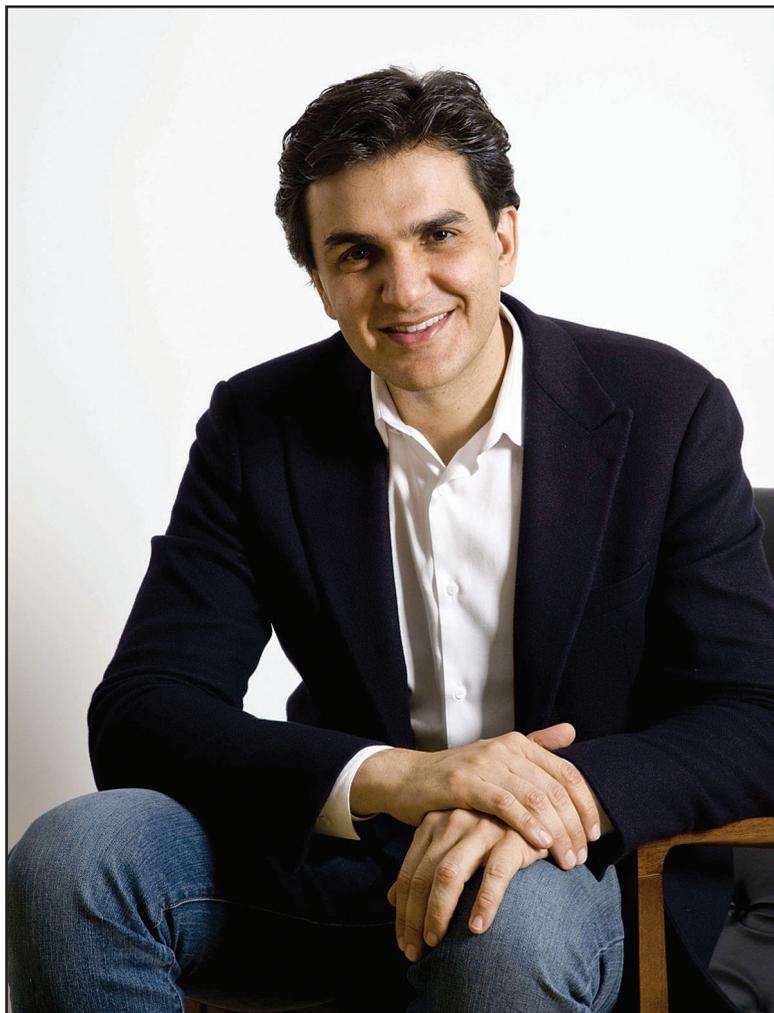
Saúde e Arte!

COMPRA DE VOTO



A relação de Gabriel Chalita com as Letras

Por Manoela Ferrari



A relação do advogado, filósofo, escritor, palestrante e professor Gabriel Chalita com as letras começou cedo. Aos 12 anos, já percebendo os sentimentos que saltavam das palavras, inspirado pela professora Ermelinda, escreveu o primeiro livro.

Cerca de 90 publicações depois, com quase 10 milhões de exemplares vendidos, na carreira acadêmica já orientou mais de 300 bancas de mestrado e doutorado, sendo sua própria trajetória fonte de inspiração para muitos alunos.

Nascido em 30 de abril de 1969, em Cachoeira Paulista (SP), iniciou a carreira docente aos quinze anos. Nunca mais deixou a sala de aula. Fez dois doutorados – em Comunicação e Semiótica e em Direito; e dois mestrados – em Sociologia Política e em Filosofia do Direito.

Dirigiu várias instituições educacionais e ocupou importantes cargos públicos. Foi secretário da Educação do Estado de São Paulo e secretário da Educação do Município de São Paulo. Foi, também, vereador de São Paulo e deputado federal. Membro da Academia Brasileira de Educação e da Academia Paulista de Letras, é professor dos cursos de graduação e pós-graduação nas universidades PUC-SP, Mackenzie, IBMEC e Damásio.

Sua primeira obra de destaque foi uma coletânea de biografias de grandes mulheres: *Mulheres que Mudaram o Mundo*, onde fala das vidas de Joana D'Arc, Marie Curie, Isadora Duncan, Helen Keller e Anne Sullivan, Gabriela Mistral, entre outras. Aos 20 anos, convidou a acadêmica Lygia Fagundes Telles para o lançamento do livro, em São Paulo. A escritora foi. Deu início, assim, à grande amizade que os une.

A obra literária de Chalita vai dos romances, como *O Pequeno Filósofo*, recém-premiado pela UNESCO, na Cátedra da PUC do Rio de Janeiro, aos ensaios, como *Sócrates e Thomas More*, *Correspondências*

Imaginárias. Seu livro de contos, *Mulheres de Água*, mereceu elogiosa resenha crítica do saudoso imortal Ivan Junqueira.

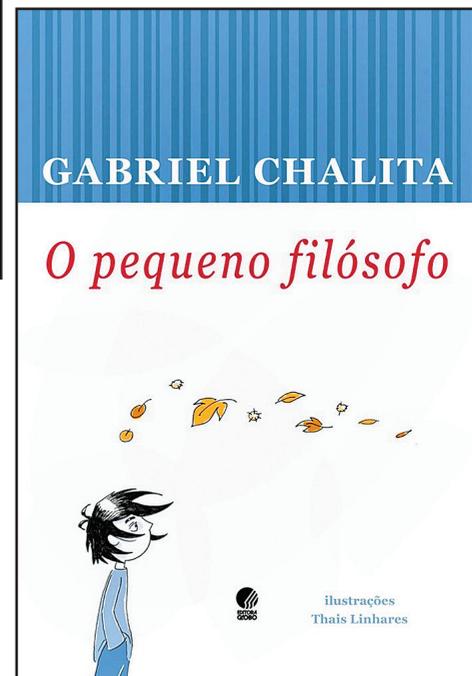
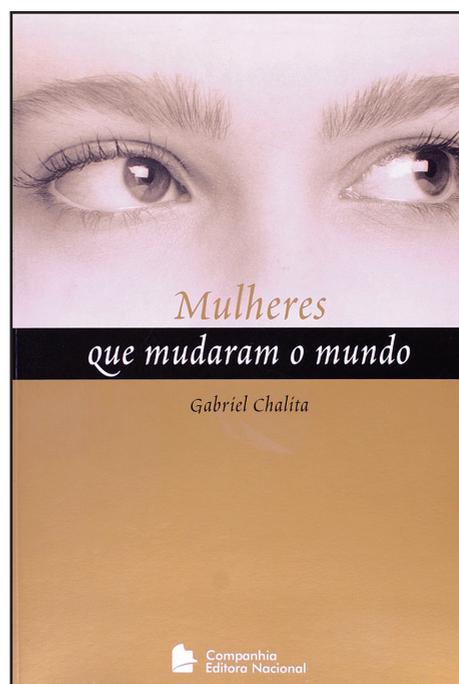
Os 10 Mandamentos da Ética, ensaio sobre a ética aristotélica, ocupou uma página de elogios no Jornal *El País* quando lançado, na Espanha. A versão em espanhol o levou a livrarias e universidades de diversos países da América Latina, assim como a tradução para o espanhol do livro sobre educação, *Pedagogia do Amor*. Na pedagogia, destaca-se, ainda, *Educação, a Solução Está no Afeto*; *Pedagogia da Amizade*; *A Escola dos Nossos Sonhos*; *Aprendendo com os Aprendizes e Famílias que Educam*.

No âmbito do direito, entre outros, publicou *A Ética dos Governantes e dos Governados*, *O poder e A sedução no discurso jurídico*. Nas crônicas, *O Entregador de Sentimentos* e *Aos Mestres com Carinho*. Sem contar com a coleção de livros para crianças e adolescentes, intitulada *Filosofia e Vida* e o livro didático *Vivendo a Filosofia*.

A obra *Ética do Rei Menino*, com dezenas de edições, foi adaptada para o teatro, permanecendo muito anos em cartaz. Na esteira de sucesso, Chalita foi escolhido por Stan Lee para escrever um livro com super-heróis genuinamente brasileiros para um projeto de valorização da Floresta Amazônica. Foi o último trabalho aprovado pelo criador da Marvel (o livro chama-se *Aliados da Amazônia*).

No teatro, escreveu sobre o centenário de Nelson Gonçalves, com a peça *Nelson Gonçalves, o amor e o tempo*. *Muito louca* foi uma comédia interpretada por Suely Franco e Fafy Siqueira e *Hortance, a velha*, por Grace Gianoukas.

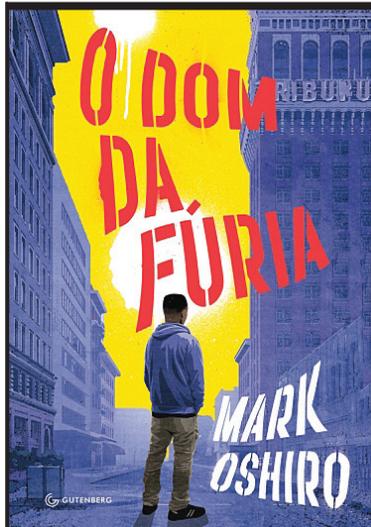
Esse artigo se trata, apenas, de um pequeno resumo sobre uma vida dedicada à literatura e à implementação de políticas públicas que incentivou, em todos os momentos, a leitura como ampliação do repertório de conhecimento humano. Gabriel Chalita é candidato à Academia Brasileira de Letras, concorrendo à vaga de número 12, que pertenceu ao crítico literário Alfredo Bosi (falecido em abril, aos 84 anos).



Quadrigrafias**COLETÂNEA**

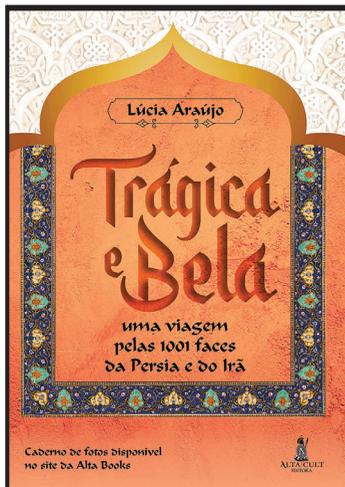
O leitor compra um livro e leva quatro boas obras de poesia. É esta a proposta de *Quadrigrafias: a poesia do efêmero* (Editora Uapê), fruto de um projeto criado e incentivado pelo escritor e diplomata Márcio Catunda, desde 2003, que consiste na edição de livros. *Quadrigrafias* reúne quatro obras independentes entre si: Elaine Pauvolid compõe com *Silêncio-Espaço*, Márcio Catunda com *Dias Insólitos*, Tanussi Cardoso traz *Dos Significados* e Ricardo Alfaya, *Álbum sem Família*. O título é alusivo aos quatro autores, suas escritas, suas visões e suas visualidades, já que a palavra *grafias* tanto sugere a escrita quanto as artes visuais, modalidades que cada vez andam mais próximas. Essa é a terceira coletânea de livros individuais em que os quatro autores estão juntos. As anteriores foram *Rios* (Rio de Janeiro, Ibis Libris, 2003), e *Vertentes* (Rio de Janeiro, Editora Five Star, 2009). Em *Dos Significados*, o poeta, crítico, contista e letrista de música popular Tanussi Cardoso

(1946), carioca, jornalista e advogado por formação, faz uma profunda reflexão sobre o sentido e o significado da poesia. No prefácio, Ricardo Alfaya avisa que quem abrir o livro *Dos Significados* encontrará mais perguntas implícitas do que esclarecimentos semiológicos, mas desde logo garante: o leitor sairá gratificado. Embora distintos, os quatro livros que compõem esta antologia procuram resgatar, de maneira lírica, o que de efêmero há na vida. E constituem uma prova da vitalidade que ainda há na poesia contemporânea brasileira. Enfim, o leitor que descobrir *Quadrigrafias*, com certeza, terá em mãos uma bela amostra da produção de quatro dos mais importantes poetas do Brasil neste começo de século XXI.

**VIVÊNCIAS**

O Dom da Fúria (Editora Gutenberg) é um romance brutal sobre a realidade da juventude negra periférica, e também é sobre luto, amizade, amor e amadurecimento. Um livro importante, para não esquecermos, e que vai reverberar em muitos de nós. Moss Jeffries é um adolescente negro que vive em São Francisco, Califórnia. De vez em quando, Moss gostaria de ser alguém diferente: um garoto sem ansiedade ou crises de pânico e cujo pai não foi covardemente assassinado pela polícia californiana. Afinal, é muito difícil ser reconhecido ou julgado nas ruas pela barbárie que lhe arrancou a figura paterna. Essa lembrança é quase que uma prisão para o jovem, e mesmo tendo uma mãe amorosa e corajosa, amigos leais e que esteja descobrindo a leveza do primeiro amor ao lado de Javier... Moss está cansado de se sentir preso. E tudo isso só piora diante da realidade cada vez mais opressora de sua escola que, além de estar sucateada, mantém os alunos sob vigilância policial, sendo tratados

com violência e como se fossem criminosos. Algo precisa mudar, imediatamente. Mas quem está disposto a escutar os jovens que estão à margem da sociedade? Com o clima cada vez mais tenso e uma nova tragédia prestes a eclodir, Moss precisa encontrar a sua própria voz e tomar uma decisão: ceder ao medo ou usar a sua fúria como um dom para mudar essa realidade.

**ANDANÇAS**

A atual República Islâmica do Irã – antiga Pérsia – representa um grande mistério para o mundo ocidental. Muitas vezes intriga, outras apavora, sempre surpreende. Protagonista estratégica da geopolítica do Oriente Médio, a nação iraniana é uma das civilizações contínuas mais antigas do mundo e um dos berços de algumas das maiores realizações da humanidade. Entre contribuições admiráveis em todos os campos – da medicina de Avicena à poesia de Khayyam, Hafez e Rumi; da espetacular arte dos tapetes à música, da primeira declaração dos direitos humanos à vencedora do prêmio Nobel da Paz; das miniaturas à refinada cinematografia; dos fundamentos de Zaratustra aos pilares do xiismo – esse é um país de 1001 faces. É na textura do universo de que é feita a cultura persa que a jornalista Lúcia Araújo mergulha, a partir de suas próprias vivências e viagens, revela um país tão fascinante quanto

desconhecido. Como ela própria assevera: “O aporte científico e cultural da Pérsia para a humanidade é tão extraordinário quanto desconhecido. A contribuição para a beleza do mundo é infinita. É disso que trata o livro: *Trágica e Bela: uma viagem pelas 1001 faces da Pérsia e do Ira* (Editora Alta Cult). “Eu não li apenas as manchetes. Tenho prateleiras de livros sobre o Irã. Agora, a biblioteca está enriquecida com o relato de Lúcia Araújo. Como eu, Lúcia esteve lá. Leu de forma abusada sobre o Irã, leu com curiosidade incansável para decifrar os mistérios e remover o véu da mistificação. Um dia, eu estarei lá mesmo, mas estou feliz por esta viagem ao Irã em que Lúcia foi minha guia” – Caio Blinder, jornalista.

**PERDAS**

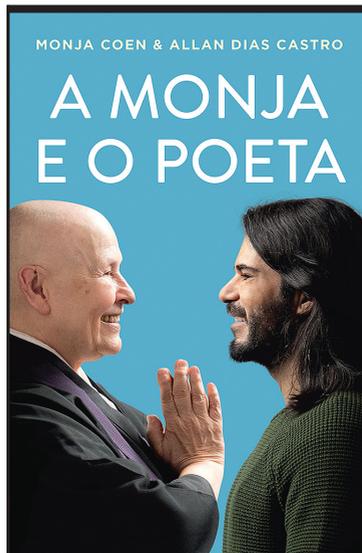
Como lidar quando seu filho perde um amigo? Como lidar com esse vazio? Como explicar para uma criança que a partir daquele momento só poderia brincar com seu amigo em sonhos? Houve uma noite de janeiro de 2011 que uma chuva tão intensa quanto inexplicável levou a vida, aos 10 anos de idade, de um querido amigo do caçula da autora Andréa Viviana Taubman, foi assim que nasceu o livro *Meu Amigo Partiu*. A proposta desde o lançamento é oferecer, de forma lúdica, por meio de poesias e rimas, o conforto e consolo onde há perplexidade e dor, além de abraçar o coração de cada leitor com as imagens e metáforas da ilustradora Sandra Ronca.

Obra de 2013 reeditada e lançada, agora em 2021 pelo selo Novo Ser, com novo texto que aborda os estágios de luto e como uma criança pode lidar com a questão até a fase da aceitação. Livro dedicado a todas as famílias que perderam seus amores na tragédia das Serras Fluminenses em 2011 e nas anteriores. A todas as crianças que buscam caminhos para lidar com o luto (até mesmo de suas próprias infâncias). A todas as pessoas que estão perdendo seus amores para a Covid. A todas as mães e pais que não têm um nome que os defina quando precisam se despedir do filho ou da filha que parte antes deles.

**RECOMEÇO**

A Garota dos Olhos Esmeralda (Editora Verus) é a nova e apaixonante história do universo de *O Garoto do Cachecol Vermelho*. Você vai rever personagens especiais e conhecer outros, em mais um livro cativante de Ana Beatriz Brandão. Quando você está sem chão, só existem duas saídas: desistir ou recomeçar. Depois de perder duas das pessoas mais importantes de sua vida, Helena se vê sem rumo em meio ao caos que se tornou sua existência. Distante de sua fé, passando por um momento complicado no relacionamento com a mãe e enfrentando a rotina intensa da residência em medicina, ela tenta reencontrar forças para lidar com seus anseios e medos. Até conhecer Abigail, uma garota com um jeito leve de encarar a vida que a faz lembrar muito de seu irmão Daniel, o garoto do cachecol vermelho. Juntas, Helena e Abigail encontram apoio uma na outra e se entregam a um amor que precisará derrubar as barreiras do preconceito.

“Com sua escrita fluida e envolvente, Ana Beatriz Brandão nos emociona com uma trama repleta de temas pertinentes e necessários. Acompanhar a trajetória da Helena nos faz sair da zona de conforto e perceber quanto é dolorido enfrentar o luto e o preconceito. Um livro para refletirmos sobre a importância do perdão e do amor, sempre na esperança de dias melhores”, Aline Picanço, do blog Livros & Sinopses. “*A Garota dos Olhos Esmeralda* é aquele tipo de história emocionante que já é marca registrada da Ana Beatriz Brandão, uma história que te deixa com o coração apertado e quentinho ao mesmo tempo. Trazendo uma narrativa repleta de lições, a Ana prova, mais uma vez, que nunca decepciona seus leitores. Prepare-se para rir, chorar e se apaixonar”, Patricia Valença, do Instagram Leituras da Trish.

**REFLEXÃO**

A Monja e o Poeta de Monja Coen e Allan Dias Castro (Editora Sextante) é um verdadeiro diálogo poético que nos faz refletir a cada instante sobre a imensidão de estarmos vivos. “Uma das ideias do budismo é conseguir olhar além da aparência das coisas. Um traço da poesia é penetrar em sentidos que escapam aos olhos materiais imediatos. Ambos buscam nexos complexos além da imanência dura. Nada mais lógico do que reunir uma monja budista e um poeta. A liberdade do olhar e a generosidade do coração unidas em um texto muito original. Entregue-se poeticamente, budicamente, humanamente... Voe!” – Leandro Karnal, autor de *A Coragem da Esperança*. De um lado, a sabedoria e a simplicidade da Monja Coen, apontando caminhos para quem busca a paz interior e uma vida mais plena. Do outro, os versos contundentes do poeta Allan Dias Castro, dando voz aos nossos sentimentos mais profundos. Do encontro dessas duas vozes únicas nasceu este livro inspirador que trata com sensibilidade de questões

essenciais da existência humana, como amor, perdão, gratidão, raiva, medo e felicidade. Cada um dos 11 capítulos aborda um tema, introduzido pelos versos de Allan e analisado à luz do zen-budismo pela Monja Coen. São 22 poemas que servem de ponto de partida para que os autores compartilhem conosco vivências e ensinamentos, arte e inspiração.

#AFavorDoBrasil



Visite nosso site e saiba mais



CHEGOU AHORA DE RETOMAR AS ATIVIDADES.

O Sistema Comércio, que sempre trabalhou pelos interesses dos empresários, intensifica os esforços para a volta das empresas às atividades. Enviamos ao Governo Federal um ofício com sugestões, elaboradas através de uma pesquisa escutando centenas de empresários, de novas medidas para minimizar as perdas e incentivar a retomada. Criamos um grupo de trabalho para defender os interesses do empresário do comércio de bens, serviços e turismo na reforma tributária. Lançamos o "CNC Transforma", movimento de inovação e tecnologia para dar solução aos empresários e apoiar todo o Sistema Comércio a qualificar seus negócios e a se adequar ao novo cenário de transformação digital. Também produzimos vídeos para os principais segmentos do setor com orientações para o retorno com segurança. Chegou a hora das empresas retomarem as atividades e nós estamos com você.

Saiba mais em afavordobrasil.cnc.org.br



Federações



Sindicatos



SESC

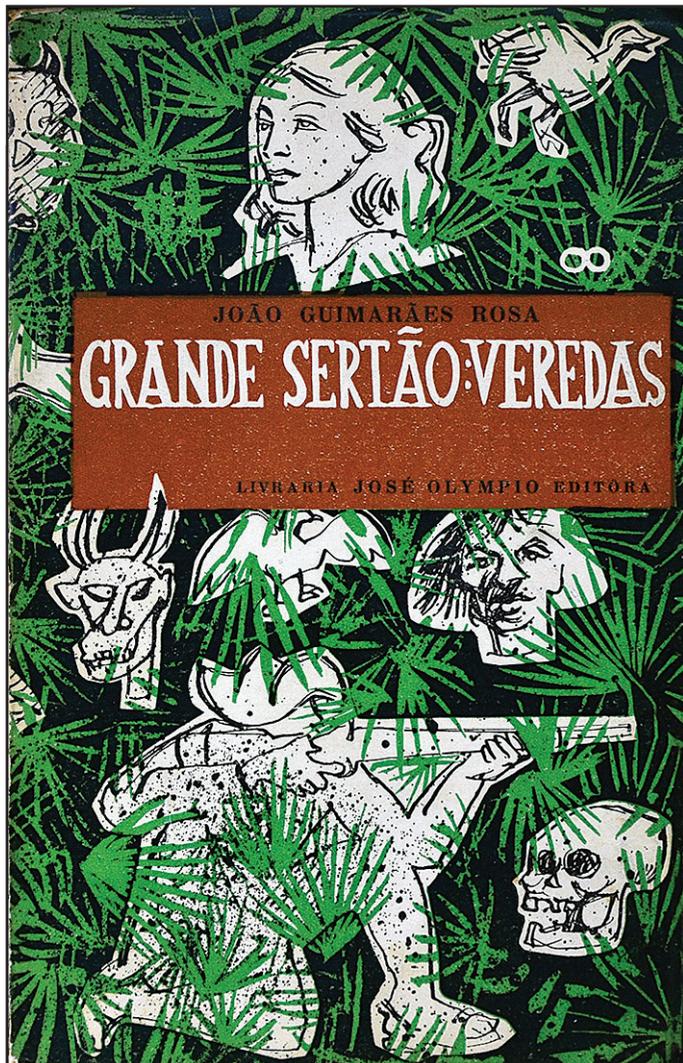


Senac

Trabalho a favor do Brasil.

Por que ler Grande sertão: Veredas?

Por Wander Lourenço*



Capa da 1ª edição de *Grande Sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, publicado pela Livraria José Olympio Editora, em 1956.

Em tempos de discussão sobre o acesso aos discursos digitalizados (leia-se, internet), em oposição aos registros impressos (livros, jornais e revistas), caberia ressaltar a importância de um clássico da literatura pátria para a formação intelectual de um público leitor, a cada instante mais afeito ao processo de informação via rede social. Alguns teóricos da literatura advertem que narrativas ficcionais que exigem maior fôlego de leitura, sobretudo *Guerra e Paz*, de Tolstói; *Os Irmãos Karamazov*, de Dostoiévski; *Os Miseráveis*, de Victor Hugo; e *A Montanha Mágica*, de Thomas Mann, por exemplo, não mais pertenceriam ao abreviado cardápio do leitor de hoje que abdica do livro para debruçar-se sobre efêmeras postagens literárias ou não, divulgadas em blogs e afins. Não obstante, a julgar pelo título, estes escritos se dispõem a discorrer a respeito do romance *Grande Sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa (1908-1967), para embrenharmo-nos de mãos dadas pelos buritizais e igarapés ao norte de Minas, iniciando-se a travessia por sua terra natal Cordisburgo da Vista Alegre. A princípio, deve-se explicitar que a saga do jagunço-narrador Riobaldo-Tataranase perfaz pela edificação, pedra por pedra, de uma árdua linguagem lírica construída pelo viés das reminiscências de um eloquente orador abarrancado às margens do Rio Chico, nos sertões Geraes. As recordações narradas pelo protagonista se pautam por um vocabulário repleto de neologismos e arcaísmos, que aproximam o livro de João Rosa, como diriam Zito e Manuelzão, célebre vivente vaqueiro de *Corpo de Baile*, ao processo artesanal de âmbito idiomático d’*Os Sertões*, de Euclides da Cunha.

Quanto aos neologismos, o poeta João Cabral de Melo Neto relatava que, em seu convívio com o autor de *Sagarana*, presenciara Guimarães Rosa dizer que alguns vocábulos ele próprio os fabricava, quiçá por engenho e alquimia: “– Esta palavra é minha, Cabral, pois fui eu quem a fez!...” – exclamava diante do neologismo. Por esta insólita razão linguística, o singular inventor reivindicava para si uma espécie de certificado de paternidade; e, em retorno ao *Grande Sertão*, os obstáculos impostos pela ruidosa inventividade Roseana – desconfia-se que, qual Manoel de Barros, a sua lavra literária era produzida em



João Guimarães Rosa.

alambique de coloquialidade e erudição –, podem impulsionar o leitor a acobardar-se diante desta Odisseia sertaneja a lhe assoviar cantigas, qual a de Siruiz: “Olererê, baiana... / eu ia e não vou mais: / eu faço que vou lá dentro, oh baiana! / E volto do meio pra trás...” (Rosa, 1970, pág. 54).

Destarte, é preciso acrescentar que o registro ficcional *Grande Sertão: veredas* paira à luz de um subterfúgio de narração, que se ancora na visita de um suposto hóspede-leitor que, logo no início da intrincada efabulação, irá se dar conta da ambiência rústica e inóspita daquele território cultuado por um herói com reumatismo, Riobaldo, a preveni-lo como distinguir disparo de arma de fogo: “Nonada. Tiros que o senhor ouviu foram de briga de homem, não, Deus esteja. (...) Olhe: quando é tiro de verdade, primeiro a cachorrada pega a latir (...) depois, então, se vai ver se deu mortos” (Rosa, 1970, pág. 07).

Diante das complexas construções sintáticas, o impacto da organização das ideias alicerçado pelo esplendor de sua prosa encantatória faz de Guimarães Rosa um legítimo gênio da arte literária; e, caso a justificativa ainda não seja suficiente para Vossa Mercê enfrentar a leitura do *Grande Sertão*, sugiro que procure se entranhar na prosódia forjada deste jagunço-fazendeiro Riobaldo, o Urutu-Branco, atentando para o diálogo entre Rosa, Goethe e Thomas Mann, no tocante ao pacto com o Demo; além de se prestar atenção à paixão proibida por Reinaldo/Diadorim, a Donzela Guerreira das novelas de cavalaria, reinterpretadas por Miguel de Cervantes. Por intermédio deste dúbio sentimento amoroso, instaura-se o enigma que irá se esboçar desde a ocasião de encontro entre Riobaldo e o Menino Reinaldo aos treze anos de idade, até o derradeiro duelo deste ser andrógono Diadorim, com o pactário Hermógenes, no Tamanduá-Tão, após cruzamento do Liso do Sussuarão.

Enfim, pode-se apenas antecipar aos que ainda não leram o *Grande Sertão* que, entre o espaço narrativo que separa os dois episódios – o episódio do encontro com o Menino “que muito pitava” e o duelo a punhal com o mefistofélico Hermógenes –, há apenas uma constatação referente ao fato de que, aos treze anos, Diadorim já se travestia de Reinaldo; e, no momento em que o leitor se depara com a revelação do segredo de sexualidade que, após peleja a punhal, se desnuda em Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins, a obra literária *Grande Sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, há de se consagrar entre as mais sublimes criações humanas em âmbito ficcional de todos os tempos, seja o rascunho subscrito em pergaminho de pele de ovelha; em manuscrito de pena de avestruz em cinza de carvão; ou em registros cibernéticos oriundos das tintas da pós-modernidade.

*Wander Lourenço é Doutor, Mestre e Especialista em Estudos Literários pela Universidade Federal Fluminense e pesquisador de Pós-Doutorado em Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa.

O acariciar das mãos

Por Gabriel Chalita*

Foi em um dia triste quando, tristemente, senti o peso das mãos duras de um professor.

Era um escolher de crianças para algumas canções que encerrariam o ano em uma escola pequena do interior. E eu queria ser escolhido. Sorri as horas que separavam a hora da decisão. Arrumei o melhor de mim para ser visto e, talvez por isso, exagerei quando ele pediu a voz.

Sem envelopar as palavras, depositou a pesada mão sobre o meu ombro e explicou que o meu problema não era apenas cantar mal. Era cantar mal e alto. Abaixei o volume do entusiasmo e me sentei embaixo de uma árvore que nos escondia do calor dos dias de verão do fim do ano.

No silêncio do “não” recebido, esqueci que eu era criança e que crianças são ensinadoras de prazeres cotidianos. Pensei em pedir para que devolvessem meu sorriso. Desisti. Sozinho, pensava em meu pai. Eu havia dito a ele que cantaria na festa do fim de ano, e ele sorriu orgulhoso.

Na parte da aula depois do intervalo, intervalei nada as minhas tristezas. Não culpo o professor. Faz tempo demais para julgamentos.

Andei da escola até minha casa. Meu pai me viu da loja e me chamou com sorrisos. Leitor dos detalhes dos sentimentos, ele viu meu vazio. “Filho, venha ficar comigo um pouco, preciso de você.” Foi dizendo e acariciando o meu rosto com suas generosas mãos. Não me perguntou da dor, apenas me apresentou novamente a alegria.

Olho as minhas mãos gastas de tempo e viajo em seus significados. Quantas carícias fui capaz de oferecer? Quantas atenções desperdicei ao negar as minhas mãos aos agachados das dores da vida?

Construí, com ela, caminhos. Coloquei tijolos sobre tijolos na argamassa

dos “sins” e dos “nãos”, das pontes e dos muros.

Acenei aliviando medos, mas, com ela, ameacei, quando, medroso, esqueci pensamentos.

Escolhi dedo para apontar, demonstrando arrogâncias. Errei. Com elas, pedi perdão, quando amadureci. Que beleza a arquitetura das mãos. As mãos do pianista que antecipam o paraíso. As mãos do cirurgião que arrancam males, que arrancam vidas. As mãos calejadas dos colhedores de esperança, aliviadas pela alegria das mudanças de estação.

Meu pai me chamou para a horta. E, antes do jantar, apanhamos verdes. E falamos da terra. Subindo a escada, ele emprestou sua mão para chegarmos juntos. Com a outra, o que colhemos. Minha mãe limpava o feijão em uma mesa iluminada pela sua alegria. Ao lado de Rosa, que trabalhava conosco e que, desde sempre, nos enfeitou a vida. As mãos do meu pai e da minha mãe se encontraram e os dizeres combinaram com os seus gestos.

Lavei as mãos, mas não o constrangimento do não recebido antes do jantar. E, então, minha mãe fez a pergunta que eu não gostaria sobre o coral. E só perguntou de tanto que eu havia dito antes, tamanha era minha empolgação em fazer parte. E eu pensei em mentir. E eu abaixei a cabeça e apartei as mãos de raiva de mim por não ser cantor.

Meu pai entendeu e disse: “Melhor não participar esse ano, assim temos mais tempo para plantar, você me ajuda com a horta, não é meu filho?” E o assunto ganhou despreocupação. Meu pai piscou para mim e prosseguiu agradecendo as mãos de minha mãe, capazes de nos alimentar com tanto sabor.

Disse eu, depois, a ele do professor. Quis dizer alguns dias depois. Valorizou nada a minha voz boa ou ruim. Disse não entender de canções, mas de sentimentos. E que ele me amava muito. Sem compreender muitas teorias, plantou em mim a certeza de que o amor não exige perfeições.

Anos depois, minhas mãos foram as últimas a segurar a cabeça do meu pai. Em um quarto de despedidas. Ele teve forças de sorrir para mim antes de plantar gentilezas no outro lado dos mistérios.

Uso, hoje, as minhas mãos para escrever. Olho para elas e me lembro das mãos grandes do meu pai. Ah, tempo indomável. Os dias jovens foram escapulindo das minhas mãos e me permitindo apenas segurar as lembranças.

Hoje, canto a canção da vida no tom que consigo, que compreendo ser capaz de aliviar outras vidas das mãos pesadas dos que não prestam atenção na dor alheia.

*Gabriel Chalita é da Academia Paulista de Letras.

Toda teoRIA tem um LaDO PRático. ESTÁGIO

o lado prático de toda teoria.

Estudante, o CIEE oferece diversas oportunidades para você aprimorar os seus conhecimentos e colocá-los em prática.

Conheça alguns serviços ofertados:

- ▣ PROGRAMAS DE ESTÁGIO
- ▣ PROGRAMAS DE APRENDIZAGEM
- ▣ WORKSHOPS E PALESTRAS
- ▣ CURSOS GRATUITOS (em nosso site)

FAÇA AGORA O SEU CADASTRO !

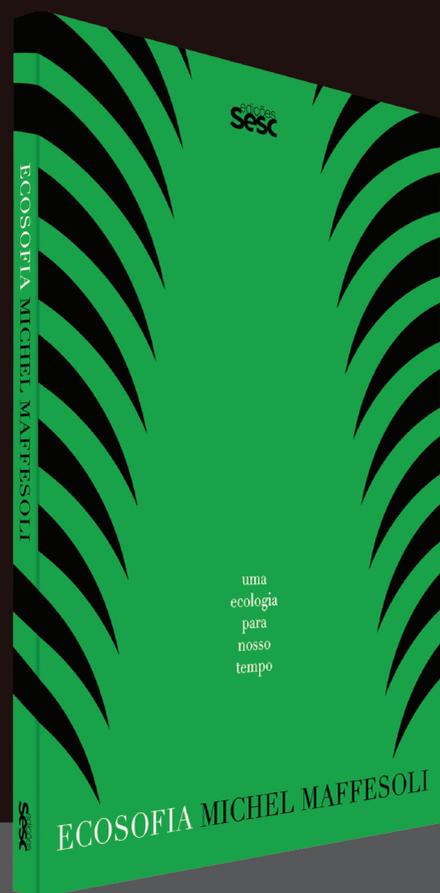
INFORMAÇÕES:
Disque Estudante
(21) 3535-4545



Cadastre-se através do site www.ciee.org.br



LANÇAMENTOS



ECOSOFIA uma ecologia para nosso tempo

Michel Maffesoli

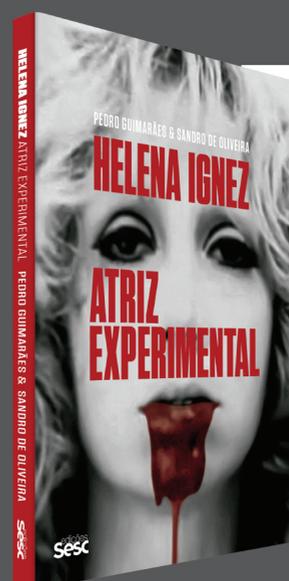
Obra expõe a necessidade da construção de uma nova condição habitativa na terra-mãe. A partir do desenvolvimento e cultivo da sensibilidade ecosófica, é possível restabelecer os vínculos entre o homem e a natureza, o corpo e o meio, ultrapassando o racionalismo e garantindo a sobrevivência humana na Terra.



UMA HISTÓRIA DAS SEXUALIDADES

Sylvie Steinberg (org.)

A sexualidade é plural. Com pesquisa rigorosa e linguagem acessível, o livro entrelaça representações, práticas, fantasias e opressões vinculadas ao corpo e ao desejo, evidenciando o papel da sexualidade como um fato social incontornável para o entendimento das relações com o prazer.



HELENA IGNEZ, ATRIZ EXPERIMENTAL

**Pedro Maciel Guimarães
e Sandro de Oliveira**

Uma ode à trajetória e ao processo criativo experimental da atriz e cineasta brasileira Helena Ignez, que atuou no Cinema Novo, com Glauber Rocha, e se tornou ícone do Cinema Marginal brasileiro, ao lado de diretores como Júlio Bressane e Rogério Sganzerla.